GLADYS CAVALCANTE SOUSA

Aspectos da Fonologia da Língua Kaxarari

2004 0 8542

Dissertação apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.
Orientador: Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

Campinas
2004

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE BC
Nº CHAMADA T/Unicamp
So85a
V ____ EX ____
TOMBO BC/ 58470
PROC 16-117-04
C ____ D X
PREÇO R$ 11,00
DATA 24-06-04
Nº CPD ____

CM00198132-1
Bibid: 317233

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

So85a

Sousa, Gladys Cavalcante.
Aspectos da Fonologia da língua Kaxarari / Gladys Cavalcante Sousa. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador : Profº. Drº. Angel Humberto Corbera Mori.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Índios - Línguas. 2. Família Pano. 3. Língua pano. 4. Língua pano - Fonologia. 5. Língua kaxarari I. Mori, Angel Humberto Corbera. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori - Orientador

Profa. Dra. Lucy Seki

Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti

Profa. Dra. Marymarcia Guedes - Suplente

Campinas/SP, 20 de fevereiro de 2004.

Este exemplar e a redação final da tese defendida por Jodys Cavalcante Sousa

e aprovada pela Comissão Julgadora em 05/04/2004.

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma descrição da fonologia da língua Kaxarari, pertencente à família Pano e divide-se em seis capítulos: do Capítulo I consta a introdução, na qual apresentam-se uma discussão a respeito da relevância de estudos de línguas indígenas, um histórico de como o presente projeto teve início, e ainda a metodologia utilizada na pesquisa; o Capítulo II é constituído de informações sobre a família Pano e, especificamente, sobre a língua Kaxarari e sobre a Aldeia Pedreira, local onde realizou-se este trabalho. No Capítulo III é feita a descrição fonológica da língua em questão. O Capítulo IV trata de alguns processos fonológicos da língua; no Capítulo V, mesmo não sendo o objetivo principal desta dissertação, apresentam-se algumas considerações preliminares sobre a morfologia do nome e do verbo Kaxarari. Concluindo, com o objetivo de comparar o Kaxarari com algumas das demais línguas Pano faladas no Brasil, destina-se o Capítulo VI a tecer breves comparações, relacionando este trabalho com alguns dos

trabalhos realizados sobre as línguas Matis, Shanenawá e Katukina.

Assim, apresenta-se uma visão geral da descrição fonológica da língua Kaxarari.

Palavras-Chave: Fonologia, Línguas Indígenas, Família Pano e Língua Kaxarari.

ABSTRACT

This dissertation presents a phonological description of the Kaxarari language, belonging to the Pano family. This dissertation is divided into these sections: Chapter I, in which a discussion about the importance of researching native languages is presented, and also how this project began and the fundamental theory used; Chapter II, which contains information about the Pano family and mainly about the Kaxarari people, their language and Pedreira village. In Chapter III a phonological description is done, using the traditional methodology. Chapter IV describes some phonological processes; although a morphological description is not the main objective of this work, in Chapter V some considerations about the language morphology are done. Concluding, in Chapter VI Kaxarari language is compared to other Pano languages spoken in Brazil, such as Matis, Shanenawá and Katukina languages.

Therefore, a general overview of the Kaxarari phonology is presented.

Key-words: Phonology, Indian Languages, Pano Family, Kaxarari Language.

Agradecimentos

Agradeço à FAPESP a bolsa de Mestrado e a Reserva Técnica concedidas sob o processo número 00/04874-5, através da qual foi possível realizar a ida à Área Indígena Kaxarari.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Prof. Dr. Angel Mori, pela paciência e dedicação com que orientou este trabalho, mesmo nos períodos mais difíceis.

Às professoras Dra. Lucy Seki e Dra. Cristina Martins Fargetti, examinadoras das bancas de qualificação e defesa, pela valiosa leitura a esta dissertação; e à Dra. Marymarcia Guedes, suplente da banca de defesa.

À Administração Regional da FUNAI de Rio Branco, na pessoa de seu Administrador Regional, Antônio Pereira Neto, por possibilitar a minha entrada na Aldeia Pedreira e às demais pessoas que ali me receberam e me auxiliaram. Um "obrigada" também aos funcionários da FUNASA que muito me ajudaram em Rio Branco e no Posto de Saúde da Aldeia Pedreira.

Agradeço aos professores do IEL, cujos cursos contribuíram não só para este trabalho, mas para a minha formação.

Agradeço às amigas e colegas Mônica Borges Veloso e Brenda Veloso por sua valiosa ajuda e apoio durante a elaboração deste trabalho, e pela amizade durante todo este tempo.

À minha mãe, meu irmão e avós, por seu incentivo constante. Ao Adilson, meu agradecimento com muito carinho pelo apoio e compreensão.

À minha "família afetiva": Alan e Ézia Mullins, e Paulo Henrique e Eni Dell Fonseca, por tudo o que fizeram por mim.

A minha gratidão em especial para o povo Kaxarari, por me receber e me "hospedar" durante o período que em sua companhia passei. Em particular gostaria de agradecer aos meus colaboradores: Vitorino Kaxarari, Antônio Kaxarari, Fransuir Kaxarari, Dionísio Kaxarari e Marisina Kaxarari. A esta, minha enorme gratidão por ter me auxiliado até o fim.

Por fim, meu maior agradecimento a Deus, por ter me concedido a oportunidade de realizar este trabalho e que me auxiliou mesmo quando as minhas forças pareciam exauridas.

SUMÁRIO

I.Introdução	1
1.1.Metodologia de Campo	5
1.2.Objetivos	9
II. A Família Pano e o Povo Kaxarari	11
2.1. Estudos da família Pano	11
2.2. Classificação Lingüística da família Pano	14
2.3.O povo e a língua Kaxarari	18
2.4. A Aldeia Pedreira	21
2.5. A língua Kaxarari	27
III. Descrição fonética e fonológica dos sons	29
3.1.Inventário de Fones	29
3.1.1. Fones consonantais	29
3.1.2. Fones vocálicos	30
3.2. Análise dos fones da língua	31
3.2.1. Demonstração de Contraste para Segmentos consonantais	32
3.2.2. Descrição dos fonemas consonantais	39
3.2.3. Demonstração de Contraste para Segmentos Vocálicos	48
3.2.4. Descrição dos fonemas vocálicos orais	52

3.3. A estrutura silábica do Kaxarari 54

3.3.1. Tipos silábicos do Kaxarari 55

3.3.1.1. Posição de Onset 58

3.3.1.2. Posição de Coda 62

3.3.1.3. Posição de Núcleo 63

3.3.2. As seqüências VV 65

3.4. Acento 66

IV. Processos Fonológicos 69

4.1.Nasalização de Vogais 71

4.2. Lateralização 72

4.3. Enfraquecimento de segmentos 76

V. Aspectos da Morfologia do Nome e do Verbo 78

5.1. Construções possessivas 78

5.2. Numerais 81

VI. Fonologia Comparada 85

6.1. Segmentos fonológicos 86

6.2. Ergatividade 88

6.3. Acento 90

Conclusão 92

ANEXO II: Corpus Lingüístico

I

Introdução

A língua de um povo é seu principal meio de expressão, preservação cultural, interação social e um dos elementos que mantêm sua identidade. No que diz respeito às línguas indígenas, o desaparecimento de uma língua implica em perdas para o grupo e, conseqüentemente, para todo o povo brasileiro, visto que as culturas indígenas são parte fundamental da cultura nacional. Desde o início da colonização do Brasil muitas línguas desapareceram. Hoje em dia estima-se que existam aproximadamente 200 línguas, das quais algumas são faladas apenas pelos membros mais velhos das comunidades, o que significa que os jovens estão deixando de falar a língua materna, para usar a dos não-índios, fato que se dá, por exemplo, com o povo Kaxarari.

Das línguas faladas no Brasil, muitas ainda não são bem conhecidas, estudadas e não contam com trabalhos de análise e descrição, o que caracteriza um vazio em termos científicos. Além de colaborar com a preservação um sistema lingüístico do ponto

de vista científico, a análise e a descrição de línguas visam a ser um apoio ao processo escolar dos povos indígenas, respeitando seu direito à alteridade ao assegurar que sejam alfabetizados em suas línguas maternas.

Uma das famílias lingüísticas existentes no Brasil é a família Pano. De acordo com Aguiar (1994), as línguas da família Pano somam aproximadamente 30 faladas até hoje, contando com cerca de 30.000 falantes. Elas estão distribuídas no Peru, Bolívia e Brasil, sendo que neste último são faladas cerca de 12 línguas.

O contato inicial com a língua Kaxarari se deu em decorrência do estágio por mim realizado no Museu Antropológico da UFG no período de 1997 - 1999, junto ao projeto Organização do Arquivo Pano, de autoria da pesquisadora Dra. Maria Suelí de Aguiar. A falta de estudos e de material publicado sobre o Kaxarari gerou um interesse em realizar um estudo preliminar sobre a fonologia da língua; este estudo foi apresentado como trabalho de final curso de graduação – Bacharelado em Lingüística – Faculdade de Letras/ UFG (Sousa, 1999). Na oportunidade, tive acesso a informações a respeito da

família Pano como um todo, bem como a respeito do povo Kaxarari. As informações sobre o grupo restringiam-se a informações etnográficas, e o material sobre a língua, a uma lista lexical (Pickering (1973)) e a um trabalho manuscrito de Souza (1986). Há ainda uma fita K-7, contendo itens lexicais e sentenças, gravada por Aguiar (o material foi gravado em Rio Branco, tendo como informante o Kaxarari Antônio Kaibu, que ali estava em um curso).

Na UNICAMP, já cursando o mestrado, iniciou-se o projeto intitulado "Fonologia da língua Kaxarari", financiado pela FAPESP. Em 2001 foi possível realizar uma viagem à Área Indígena Kaxarari[1]. A viagem foi realizada no período de julho/2001 – outubro/2001, totalizando um período de seis semanas na Aldeia Pedreira.

As dificuldades encontradas para a obtenção da autorização de entrada na área junto à FUNAI devem ser esclarecidas. O pedido de entrada foi enviado à Administração

[1] O cronograma inicial previa duas idas a campo; alguns fatores levaram à realização de apenas uma viagem. Problemas de saúde por mim enfrentados e falta de verbas para a realização da segunda viagem foram os principais motivos que impediram a volta à aldeia.

Geral da FUNAI em Brasília, conforme as exigências desta instituição: foram enviados o projeto, documentos pessoais e de saúde. O recebimento de minha solicitação foi acusado, entretanto a FUNAI não mais se manifestou; entrando em contato com o órgão via telefone e e-mail, informaram-me que ainda era necessário o parecer acadêmico do CNPq. Consultei também este órgão que alegou jamais ter recebido nenhuma documentação referente ao projeto da língua Kaxarari. Assim, não obtive nenhuma resposta positiva da FUNAI de Brasília, autorizando a minha entrada na aldeia. Dado que não seria viável mais aguardar uma decisão da FUNAI, viajei ao Acre e entrei em contato com a Administração Regional de FUNAI, onde expliquei a minha situação e a necessidade de entrar na área. O administrador regional, na pessoa do Sr. Antônio Pereira Neto, compreendeu a situação e autorizou, por escrito, a minha entrada na Aldeia Pedreira[2], com um documento endereçado ao seu cacique, o Sr. Alberto Cezar Kaxarari. Contudo, apesar da colaboração da FUNAI/AC em me conceder a autorização, este foi um processo muito lento, que me obrigou a permanecer duas

[2] Informações a respeito da Aldeia Pedreira estão descritas no Capítulo II, item 2.5

semanas em Rio Branco, aguardando primeiramente o regresso do Sr. Antônio Pereira Neto a Rio Branco, bem como a elaboração do referido documento autorizando a minha entrada na aldeia.

1.1. Metodologia de Campo

Após conversas com o Sr. Alberto Cezar Kaxarari, cacique da Aldeia Pedreira, para esclarecer os objetivos do projeto de pesquisa, este autorizou a minha permanência na aldeia para a realização da mesma. De acordo com seus relatos e de outras pessoas, não houve anteriormente presença de lingüistas na área.

Em seguida, procedeu-se à escolha dos informantes; depois de alguns dias convivendo com eles e observando-os em seu dia-a –dia, procurei contactar aqueles que demonstravam fazer uso regular da língua em várias situações: atividades cotidianas, ou reuniões para tomada de alguma decisão. Foram levadas em conta também a disponibilidade de tempo e a paciência para as sessões de elicitação.

Os informantes lingüísticos da pesquisa foram Vitorino César Kaxarari, Antônio César Kaxarari, Fransuir César Kaxarari, Marisina César Kaxarari Ferreira e Dionísio César Kaxarari. Infelizmente este último sofreu um acidente automobilístico, e só pode participar de duas sessões. Mesmo assim, agradeço a ele a disposição em colaborar com este trabalho.

Para a realização das sessões com os informantes, optei por me estabelecer no Posto de Saúde da aldeia, local que oferecia condições e estruturas mais adequadas.

Ficou combinado que trabalharíamos apenas no período da tarde, tendo em vista as demais atividades e obrigações dos informantes; assim, o período da manhã era destinado à visita às casas, para um maior contato com a comunidade, e era ainda um período em que geralmente as crianças gostavam de passear comigo, momentos então nos quais, além de estreitar nosso conhecimento, aproveitava para tirar algumas dúvidas com as crianças e realizar algumas elicitações informais; gostaria de ressaltar que tais dados e informações são, entretanto, limitados,

devido ao já mencionado fato de que poucas das crianças conhecem a língua.

Na coleta dos dados foram utilizados o questionário de Swadesh (1959), o questionário do SIL (Sociedade Internacional de Lingüística) e Museu Nacional e o SAILDP.

O trabalho de campo foi dividido em três etapas; na primeira etapa, foram elicitados os dados com base nos questionários elaborados para esta pesquisa; os dados foram transcritos simultaneamente à informação dada pelos falantes. Nesta etapa, por opção dos próprios informantes, que temiam não se recordarem da língua, participavam dois ou três a cada sessão. Este método se mostrou eficiente nos momentos em que um deles se esquecia de algum item. Trabalhamos neste sistema por aproximadamente duas semanas.

Na segunda etapa do trabalho, optei por iniciar as análises dos dados até então obtidos; este período durou apenas uma semana, quando não procedi a entrevistas formais com os informantes. A terceira etapa foi destinada à realização das gravações com os informantes lingüísticos; devido a fatores como problemas de saúde tanto por parte dos informantes quanto de

minha própria, e a situações imprevistas não foi possível realizar gravações com o número de informantes lingüísticos que se havia planejado.

Imaginamos que essa metodologia de gravação dos dados facilitaria o trabalho a ser realizados. Entretanto, fica registrada a reflexão que tal metodologia não se mostrou apropriada, não devendo ser adotada novamente em pesquisas futuras.

É necessário que se registrem as dificuldades enfrentadas durante a pesquisa. Durante o período das gravações, alguns informantes lingüísticos mostraram-se reticentes em continuar com a pesquisa, o que causou um prejuízo na coleta dos dados, pois apenas um deles se prontificou a continuar e a gravar os itens elicitados. Assim, não foi possível registrar todos os itens a serem elicitados que estavam previstos e preparados de antemão. Desta forma, o objetivo inicial deste trabalho foi afetado e sofreu mudanças.

Devo também ressaltar que a falta de experiência por vezes acabou impedindo uma melhor coleta nesta fase.

A comunidade Kaxarari se mostrou bastante preocupada com a questão do retorno que teriam após a conclusão da

pesquisa; fato este plenamente justificável tendo em vista a presença de antropólogos, de acordo com relatos dos índios, que após realizarem as gravações não mais retornaram à aldeia para expor os resultados de suas pesquisa, ou oferecer o conhecimento para melhorar o quadro da escola Kaxarari. Assim, não querendo impor um ponto de vista pessoal, me coloquei à disposição deles e perguntei o que a comunidade achava relevante ter como contribuição. Os mais velhos se mostraram interessados em duas coisas: a) ensino de língua materna às crianças, bem como uma assessoria na elaboração de uma cartilha; b) um projeto de alfabetização em Português para os adultos, pois eles reclamam que a falta de conhecimento da leitura e escrita desta língua dificulta aspectos oficiais, como as relações com FUNAI, FUNASA, e também aspectos cotidianos, como compras, transações bancárias, entre outras.

A possibilidade de esta parceria funcionar pareceu deixar a comunidade satisfeita, principalmente os professores, que também insistiram em ver a dissertação, quando esta estivesse pronta.

1.2. Objetivos

Além de estar contribuindo para o avanço dos estudos da referida língua e para o avanço dos estudos da linguagem humana, a pesquisa lingüística justifica-se também pelo fato de possibilitar um apoio ao processo escolar indígena, através da viabilização de momentos que visem a discussão, entre os próprios membros da comunidade, sobre a elaboração de um sistema de escrita, bem como de materiais escolares, contribuindo assim com a questão social indígena.

O presente trabalho visa realizar uma descrição fonológica da língua Kaxarari, procurando verificar aspectos como a distribuição dos fones da língua e a organização destes dentro da estrutura silábica.

A metodologia aplicada à análise dos fones é a do modelo estruturalista norte-americano da fonologia. Seguindo estes procedimentos de análise, foram aplicados os testes de par mínimo, par análogo, distribuição complementar e variação livre, para que se estabelecessem os quadros fonético e fonológico da língua.

II

A Família Pano e o Povo Kaxarari

2.1. Estudos da família Pano

A classificação das línguas da família Pano apresenta algumas divergências; alguns autores incluem determinadas línguas que outros consideram como dialetos (cf. Loos, 1999; Grimes, 1996; Aguiar, 1994a); mas em todos os trabalhos o número de línguas desta família é de aproximadamente 28 a 30, contando com cerca de 40.000 falantes (Erickson, 1994). Elas estão distribuídas no Peru, Bolívia e Brasil, sendo que no Peru são faladas 13 línguas, na Bolívia 03 e no Brasil são faladas 12 línguas.

Na Bolívia são faladas as línguas Yaminâwa, Pacaguara e Chácobo; no Peru são falados o Amahuaca, Capanahua, Cashibo-Kakataibo, Kaxinawá, Isconahua, Jaminâwa, Mayo-Pisabo, Marinahua, Mastanahua, Morunahua, Parquenahua, Sharanahua e Shipibo-Conibo[3].

As línguas Pano faladas no Brasil são o Arara, Kaxinawá,

Katukina, Kaxarari, Marubo, Matis, Matsés, Nukini, Poyanáwa, Shanenáwa, Yamináwa e o Yawanawá.

Atualmente, há vários grupos de pesquisadores, em diferentes instituições, voltados ao estudo dessas línguas. Na UNICAMP foram defendidas dissertações e teses sobre línguas como o Katukina (Aguiar, 1988, 1994; Barros, 1987), Shanenawá (Cândido, 1998); recentemente duas dissertações sobre o Matis foram defendidas (Ferreira, V.R.S. 2000; Ferreira, R. V. 2001) e atualmente estão sendo realizados trabalhos de doutorado em línguas Pano como Yawanawá, Shanenawá e Matis.

Na UFRJ/Museu Nacional foram defendidas dissertações sobre as línguas Matsés/Mayoruna (Carvalho, 1992) e Marubo (Costa, 1992); esta última apresentou sua tese de doutorado (Costa, 2000) sobre a Fonologia do Marubo (Pano) sob os parâmetros da Fonologia Não-Linear; e Carvalho defendeu em 2001 sua tese de doutorado sobre o Matsés, sob a ótica da Otimalidade. Tanto Carvalho como Costa têm publicado diversos artigos sobre essas respectivas línguas. Os estudos de línguas Pano no Museu Nacional/UFRJ continuam sendo realizados pelo

[3] Optou-se por manter a grafia tal como aparece nas publicações em espanhol

Grupo de Estudos Pano, o qual é coordenado pelas Dras. Marília Facó Soares (Brasil) e Eliane Camargo (CELIA/UMR, França). O Kaxinawá foi foco da tese de doutorado desta última pesquisadora (Camargo, 1991), sendo que a mesma tem publicado vários artigos sobre essa língua tanto no Brasil como no exterior. Ainda na UFRJ foi defendida uma dissertação de mestrado (Lanes, 2000) tendo como objetivo um estudo comparativo entre algumas línguas Pano faladas no Brasil.

Na Universidade Federal de Goiás, nos âmbitos da Faculdade de Letras e do Museu Antropológico, vem sendo desenvolvido, sob a coordenação da Dra. Maria Suelí de Aguiar, o Projeto de Estudos da Família Pano, que conta com a participação de alunos de mestrado e de iniciação científica, sendo estudadas as línguas Katukina, Yawanawá e Poyanáwa. Na UFG foram apresentadas monografias de final de curso – Bacharelado em Língua Portuguesa e Lingüística – em línguas Pano: Shanenawá (Cândido, 1995) e Kaxarari (Sousa, 1999).

Na Universidade Federal de Pernambuco foram defendidas dissertações sobre duas das línguas Pano: Cunha (1993) aborda, em sua tese, a morfossintaxe do Arara falado no Acre; e Paula

(1992) aborda a fonologia da língua Poyanáwa em sua dissertação de mestrado. Paula atualmente estuda a língua Yawanawá, língua sobre a qual defenderá sua tese de doutorado, desta vez no IEL/UNICAMP.

Nos demais países que contam com línguas Pano, há diversos trabalhos publicados e pesquisas em andamento, como na Universidade de San Andrés (Bolívia), onde vários trabalhos foram produzidos, com grande ênfase no Chácobo. Na Universidade Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Peru) realizaram-se vários estudos sob a direção do lingüista belga André Marcel d' Ans[4]; e Maria Cortez – professora dessa universidade - vem dirigindo estudos sobre o Shipibo e Kakataibo, bem como sobre outras línguas indígenas. Estudos sobre diversas línguas Pano também foram realizados neste país pelo Instituto Lingüístico de Verão (ILV) (Ribeiro & Wise, 1978; Wise, 1986).

[4] Atualmente professor da Universidade Paris VII

2.2. Classificação Lingüística da família Pano

Desde o final do século XIX, quando o francês Raoul de la Grasserie, em 1890, pela primeira vez considerou a família Pano como um grupo autônomo, muitas classificações foram propostas para as línguas que compõem esta família. Conforme Bertolasso Stella (1929), Rivet (1924) dividiu a família Pano geograficamente em três grupos: o primeiro composto por cerca de 29 línguas faladas ao longo dos rios Amazonas e Ucayali. O segundo grupo ocupa a bacia do rio Inambari, e classificam-se neste grupo quatro línguas. O terceiro e último grupo seria formado por seis línguas faladas às margens dos rios Mamoré do Beni, e do Madre Dios.

Mason (1950) agrupa as línguas Pano em Pano Central, Sul-Ocidental e Sul-Oriental. Greenberg (1956,1987) reconhece um tronco Macro-Pano.

Em d'Ans (1973) encontra-se uma tentativa de reclassificação das línguas Pano, com base na aplicação do método glotocronológico. Shell (1975) fez a primeira comparação

sistemática de dados lingüísticos demonstrando a regularidade de correspondências fonológicas em sete idiomas Pano.

Entretanto, em nenhuma dessas classificações e agrupamentos há menção da língua Kaxarari; este fato pode ser explicado pela inexistência de estudos realizados sobre línguas Pano brasileiras até então.

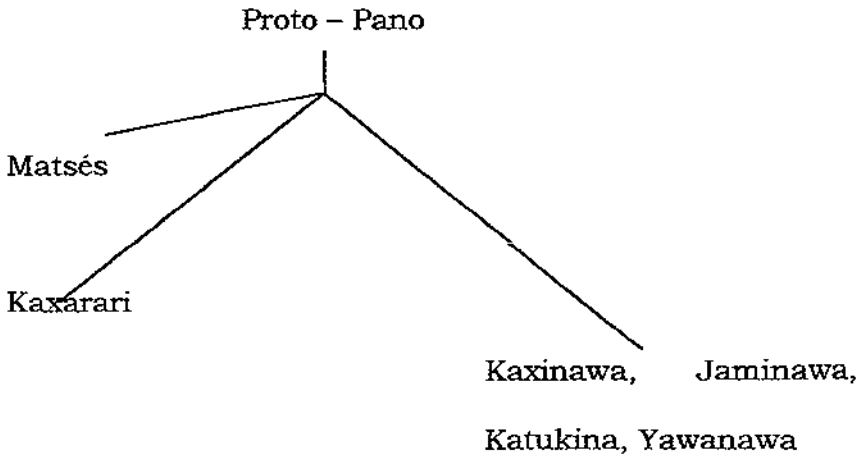
De acordo com Rodrigues (1986), diferentemente da proposta de Greenberg, (1956,1987), a família Pano não estaria inserida em um tronco, sendo, portanto, isolada. Segundo esse autor as línguas da família Pano faladas no Brasil são: Amawáka (AM), Karipuna (RO), Katukina (AC), Kaxarari (RO), Kaxinawá (AC, AM), Marubo (AM), Matis (AM), Mayá (AM), Mayorúna (AM), Nakuini (AM), Poyanáwa (AC), Yamináwa (AC) e Yawanáwa (AC).

Loos (1999) divide a família Pano em três subgrupos, compostos por um total de 22 línguas e elenca 8 línguas que de acordo com ele não pertenceriam a um grupo, e aqui ele inclui o Kaxarari.

O mais recente trabalho a apresentar uma comparação entre algumas línguas Pano é a dissertação de Lanes (2000), na qual o autor tenta estabelecer uma classificação das línguas da

família Pano. O trabalho é válido, tendo em vista se tratar de uma dissertação de mestrado, mas o objetivo de classificar as línguas Pano não é alcançado completamente uma vez que o autor elenca apenas parte das línguas faladas no Brasil, a saber: Jaminâwa, Yawanawá, Kaxinawá, Kaxarari, Arara, Katukina, Poyanáwa, Shanenawa e Matsés (ficam excluídas deste trabalho as línguas Marubo, Matis e Nukini). A tentativa de postular um proto-pano, por não levar em conta as outras línguas faladas tanto no Brasil como na Bolívia e no Peru, fica comprometida.

Para estabelecer a comparação entre as línguas, o autor lança mão da lista lexical padrão estabelecida inicialmente pelo lingüista Morris Swadesh para esse tipo de estudos. Com base no número de cognatos encontrados entre as línguas consideradas, Lanes localiza o Kaxarari no conjunto Pano da seguinte forma:



De acordo com a proposta de Lanes, as línguas Pano apresentam três grupos: um formado pela língua Matsés, considerada a mais isolada e mais perto do proto-pano; o segundo, composto pela língua Kaxarari, que seria a segunda língua mais separada das demais, e o terceiro agrupamento de línguas, composto por Jaminawa, Yawanawa, Kaxinawa, Arara, Katukina e Shanenawá, formando um grupo de línguas mais próximas entre si e com um número maior de características em comum.

2.3. O povo Kaxarari

A população Kaxarari está dividida atualmente em quatro aldeias: Marmelo, Barrinha, Paxiúba e Pedreira; esta última foi a escolhida para a realização da presente pesquisa. Tal escolha foi aleatória; um fator que se mostrou importante para a escolha da Pedreira foi o fato desta aldeia ser de melhor acesso à Vila Extrema, e daí para Rio Branco. Além da população que vive na Área Indígena, há um número crescente de pessoas que passaram a morar tanto na Vila Extrema como em Rio Branco;

tal fato é relevante porque essa mudança para um centro urbano gera um maior contato com a língua portuguesa que pode gradativamente levar os Kaxarari a deixar de usar sua língua.

A área Indígena Kaxarari se localiza na fronteira dos estados do Amazonas e Rondônia, próxima ao Município de Extrema - RO, com acesso por terra pela BR 364 entre Rio Branco e Porto Velho.

Como citado em Aguiar (1994b), em 1910, os índios Kaxarari viviam na cabeceira do igarapé Curequeté, afluente do rio Ituxy; eles contavam então com uma população de 2.000 pessoas aproximadamente.

Os Kaxarari sofreram uma redução do número de pessoas por diversas razões. Em primeiro lugar, os índios foram atacados brutalmente no período das "correrias", organizadas pelos extrativistas com o objetivo de liberar a área indígena para ocupá-la. Posteriormente, a fim de fazer os índios trabalharem nos seringais, os extrativistas passaram a "amansar" os Kaxarari. Outro fator que contribuiu para uma redução na população foram as doenças, tanto as advindas do contato com os não-índios como ainda uma epidemia de malária que atingiu a área

quando do represamento realizado próximo ao acampamento da empresa Mendes Jr. S/A. A empresa ocupara a área com fins extrativistas, pois a área pertencente aos Kaxarari é rica em granito. Em 1983 a população ficou reduzida a 129 pessoas.

Um levantamento realizado pela FUNASA (2000)[5] aponta uma população total de aproximadamente 258 pessoas; na aldeia Pedreira, em um levantamento realizado recentemente, haveria aproximadamente 73 pessoas. De acordo com informações do Instituto Sócio-ambiental, a população total Kaxarari seria, em 2001, de 269 pessoas.[6]

Os Kaxarari vivem "separados da maior parte dos outros Pano por um corredor de população Arawak", e "são etnograficamente bem menos conhecidos do que os outros Pano" (Erickson, 1992:240).

As informações antropológicas são também bastante restritas; ainda de acordo com Aguiar (op. cit.), "quanto à organização social, os Kaxarari são divididos em clãs exogâmicos, isto é, os indivíduos devem se casar com membros pertencentes a outros clãs que não o seu próprio. Segundo os Kaxarari mais

[5] Informação obtida pessoalmente junto a este órgão em Rio Branco - AC

velhos, antigamente havia numerosos clãs, que hoje estão reduzidos a apenas 18"[6]. Durante o período em campo, pude averiguar tal informação. De acordo com os Kaxarari, os mais jovens pouco têm observado a questão dos clãs em relação à realização dos casamentos. O número de clãs a mim citados, todavia, não chegaram ao número mencionado por Aguiar, sendo mencionados apenas seis clãs.

Os Kaxarari vêm realizando diversos casamentos com pessoas do grupo Manchineri, pertencente ao tronco Arawak, bem como com pessoas não-índias.

2.4. A Aldeia Pedreira

Dentre a população que vive na aldeia Pedreira, pôde-se perceber que apenas os mais velhos ainda falam a língua; das crianças, poucas falam e algumas apenas entendem. Dentre os adultos, pode-se dizer que a maioria não lê ou escreve Português, e alguns apresentam dificuldades na compreensão desta língua.

O levantamento da FUNASA (2000), conforme já

---

[6] Informação obtida em site da instituição – www.socioambiental.org

mencionado, apontava para uma população de 73 pessoas; 48 adultos e 25 crianças. Tal número se mostra compatível com levantamento "in loco" realizado pelo enfermeiro responsável pelo Posto de Saúde (2001), que aponta para uma população aproximada de 74 pessoas. Deve ser salientado que há Kaxarari provenientes da Pedreira morando atualmente na Vila Extrema e em Rio Branco; estes não foram incluídos nos levantamentos acima.

No que diz respeito à escolaridade, há educação primária (1ª. à 4ª. séries). Atualmente há dois professores Kaxarari atuando; as aulas são dadas em Português por um dos professores e, na medida do possível, na língua, pelo outro professor; este tem participado de projetos de capacitação de professores indígenas em RO. A necessidade de ensino da língua materna às crianças é manifestada pelos professores, bem como por vários dos membros mais velhos da comunidade. Diferentemente da área da saúde, que fica sob responsabilidade do estado do Acre, a área da educação é vinculada ao estado de Rondônia, demandando muito esforço dos professores, tendo em vista a distância entre a aldeia e Porto Velho. No tocante à área

de saúde, sob a responsabilidade da FUNASA/AC, têm sido treinados agentes indígenas, com cursos de capacitação em Rio Branco.

A organização política considera o cacique a autoridade máxima, cabendo a ele resolver problemas internos, mas além desta tradicional liderança, os Kaxarari vêm se organizando em uma associação: ACIK - Associação das Comunidades Indígenas Kaxarari, revelando um desejo e empenho de se organizarem a fim de melhor manifestarem seus objetivos junto às autoridades e órgãos responsáveis. A liderança da aldeia Pedreira é exercida pelo cacique Alberto Cezar Kaxarari.

A economia do povo é de subsistência centrando-se em coleta, pesca e caça. A primeira se restringe a materiais essenciais, como a paxiúba e a palha, usadas nas construções das casas. A caça, por sua vez, está praticamente em extinção. Já a pesca com redes, anzóis, embora escassa, é praticada no rio Azul. Há também a criação de alguns animais para abate, como gado (adquiridos quando da indenização à aldeia pela Mendes Júnior), galinhas e patos, porcos, e o cultivo de alguns alimentos

(mandioca, milho, banana), para o consumo das aldeias ou comercialização, como é o caso da farinha de mandioca.

Os artesanatos antes confeccionados estão praticamente extintos. Algumas pessoas da aldeia relataram como antigamente os homens faziam arcos, flechas, e as mulheres confeccionavam pulseiras, braçadeiras, tornozeleiras de penas de aves, e cestarias ("paneros") para os mais diversos fins, diferindo entre si no tocante à maneira como trabalhar a palha. Atualmente, da arte plumária só são feitas as pulseiras de penas, e poucas mulheres ainda sabem trabalhar com a palha para fazer cestos; há a agravante de que o material para a cestaria está cada vez mais difícil de ser obtido. Uma modalidade de artesanato que as mulheres aprenderam e que vêm realizando com muita freqüência é o trabalho com miçangas. Além disso, não há ainda um trabalho sistemático de produção e venda; as mulheres fabricam o artesanato quando sabem que vai aparecer alguém de fora para comprá-lo. Enquanto estive na aldeia, algumas mulheres participaram de um encontro para mulheres indígenas realizado em Rio Branco, e voltaram para a aldeia com diversos

planos para uma reestruturação do artesanato e da forma como ele é atualmente comercializado.

Quanto à religião, não há atualmente um líder espiritual ou pajé entre os Kaxarari da aldeia Pedreira; ao que parece, num passado recente o último conhecedor dessas tradições faleceu; seu filho, hoje adulto, aprendeu alguns cantos e mitos, mas diz não ter todo o conhecimento necessário[7].

Também por falta de pessoas mais velhas e detentoras dos antigos conhecimentos, outro aspecto da cultura que está se extinguindo é o ritual de nomeação das crianças na língua. A nomeação, conforme me foi relatado pelos próprios Kaxarari, deveria ser realizada por uma pessoa mais velha, conhecedora dos nomes das famílias, pois uma criança deve receber um nome de um parente antigo; portanto, conhecer a língua e a genealogia Kaxarari seria imprescindível para que se pudesse nomear um recém – nascido na língua Kaxarari. Alguns pais relataram que seus filhos, devido à ausência de pessoas capacitadas para tal

[7] Devido talvez a este fato, juntamente com um provável receio de compartilhar informações tão restritas, ele que, em um primeiro momento, dispôs-se a gravar narrativas, acabou não procedendo às entrevistas para tal.

nomeação, não receberam nomes Kaxarari, apenas em "português".[8]

Outro aspecto com relação à cultura que pôde ser observado é a ausência de rituais ou festas Kaxarari; há na aldeia Pedreira uma grande festa realizada no dia Sete de Setembro, quando é disputado um campeonato de futebol; há churrasco e muita bebida alcoólica, e baile de forró, ritmo muito apreciado na região. Deste festejo participam os moradores das fazendas arredores, e também pessoas de Rio Branco. As mudanças nas tradições culturais podem, em certa parte, ser explicadas pela proximidade da aldeia do centro urbano, bem como pela influência da mídia, já que há, tanto na aldeia Pedreira como na Paxiúba, um aparelho de TV.

No que tange à organização da aldeia, a Pedreira não apresenta uma forma, ou padrão na localização das casas; ou seja, a distribuição das casas se dá de forma aleatória, seguindo apenas a localização dos "ramais" abertos (trilhas abertas na mata, destinadas à circulação e trânsito de pessoas e

[8] A distinção Kaxarari /Português feita pelos próprios Kaxarari é marcante, inclusive dando sinais de assimilação do conceito difundido de que o "português" teria mais prestígio que o Kaxarari.

automóveis). As casas são construídas a uma certa elevação do solo, o que a princípio poderia lembrar as construções ribeirinhas. As construções são de madeira tendo o telhado coberto por palha. A divisão interna das casas atende às necessidades das famílias: um cômodo utilizado como sala, uma cozinha e um quarto ou até dois, dependendo da estrutura familiar. Pode-se perceber que os Kaxarari organizam-se em núcleos familiares compostos pelo chefe de família, a mãe e os filhos; estes, quando constituem suas próprias famílias buscam suas próprias casas. Após incentivos para melhoria das condições sanitárias da população, cada casa conta com um sanitário externo e seu poço para fornecimento de água.

Durante a minha permanência na Aldeia Pedreira os moradores concluíram a construção de um "chapéu-de-palha", construção com vigas de madeira e coberta de palha, destinada a atividades comunitárias da aldeia: reuniões para discutir algum assunto comum, festas, local para assistir a programas de televisão e até para recreação das crianças. Além deste, a Pedreira conta ainda com o galpão da ACIK, com o prédio da escola e com o Posto de Saúde.

2.5. A língua Kaxarari

O Kaxarari foi, por muito tempo, considerado como uma língua não- Pano. Foi classificado como pertencente ao tronco Arawak (Ribeiro, S.N.T.); foi também considerado como dialeto do Apurinã (Métraux,1963; Tovar & Tovar, 1984), e Voegelin (1977) não o elenca em sua classificação das línguas Pano. Rodrigues (1986) considera o Kaxarari em sua classificação da família Pano (conforme anteriormente mencionado).

O Kaxarari é uma língua que não contava, até o momento, com nenhum estudo lingüístico realizado. Como mencionado previamente, há um material manuscrito do qual constam análises preliminares da língua realizadas por Souza (1986) que, no entanto, não apresenta um resultado concreto. Há ainda uma lista de 72 entradas em transcrição fonética publicada por Pickering (1973). O que há sobre os Kaxarari são alguns materiais de cunho histórico-informativo (população (Silva,1986), modo de vida, saúde) e encontram-se, em sua grande maioria, nos arquivos do CIMI de Porto Velho e Rio Branco.

III

Descrição fonética e fonológica dos sons

3.1 Inventário de Fones

O sistema de sons do Kaxarari é constituído por 17 fones consonantais e 8 fones vocálicos. O quadro a seguir mostra os fones da língua[9]:

3.1.1. Fones consonantais

	Bilabial	alveolar	álveo-palatal	retroflexo	palatal	velar	glotal
Oclusiva	p	t				k	
Nasal	m	n			ɲ		
Lateral		l					
Tepe		ɾ					
Fricativa	β	s	ʃ	ʂ			h
Africada		ts	tʃ				
Aproximantes	w				j		

[9] Para a transcrição foram utilizados os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA)

3.1.2. Fones vocálicos

	Anterior		Central		Posterior	
	Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Alta	i	ĩ	ɨ		u	ũ
Média					o	
Baixa			a	ã		

No tocante ao inventário dos segmentos da língua, há um aspecto interessante que o diferencia das demais línguas Pano: a presença de uma lateral no sistema da língua. Até o presente momento, estudos de línguas desta família faladas no Brasil mostram que as demais línguas não apresentam este segmento. Cabe aqui investigar se a lateral é resultante de algum processo sofrido ou se foi incorporada à língua via empréstimo de outras línguas indígenas, ou do próprio português.

A ocorrência de uma lateral [l], em Kaxarari, não se dá apenas no léxico, ela serve também para marcar o sujeito, marca de caso ergativo, em construções com verbos transitivos[10].

10 A discussão a esse respeito é feita em 5.

3.2. Análise dos fones da língua

A metodologia do modelo estruturalista norte-americano da fonologia é o aqui empregado na análise dos fones da língua. De acordo com as premissas do modelo, em um sistema fonológico, sons foneticamente semelhantes são potencialmente alofones de um mesmo fonema. Para refutar ou confirmar a hipótese de alofonia são empregados os métodos de demonstração de contraste. O contraste entre os sons pode ser demonstrado através de pares mínimos e análogos, bem como a relação de alofonia é demonstrada pela distribuição complementar dos sons. Seguindo estes procedimentos de análise, foram aplicados os testes de par mínimo, par análogo, distribuição complementar e variação livre. Para os pares de sons para os quais for possível encontrar evidências de contraste, tal contraste será demonstrado através dos pares mínimos e análogos e tais sons serão considerados fonemas. Cabe aqui um esclarecimento quanto aos pares doravante contrastados: a pressuposição da fonologia estruturalista norte- americana é de que sons

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

foneticamente semelhantes sejam contrastados, pois tais sons é que são passíveis de apresentarem relação de alofonia entre si; entretanto, levando em conta a restrição do corpus utilizado para este trabalho e a ausência de pares foneticamente semelhantes para todos os fones, está – se utilizando para a análise pares cujas características fonéticas os distanciam em termos articulatórios.

3.2.1.Demonstração de Contraste para Segmentos Consonantais

[p] e [β] são fonemas: / p / e / β /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplo:

(1) pó ['mapu]

barro, terra ['maβi]

[p] e [k] são fonemas: / p/ e / k /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(2) capivara ['maka]

pó ['mapu]

coruja ['pupu]

sogro [ku'ku]

[t] e [k] são fonemas: / t / e / k /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplo:

(3) dividir [nata'ʃi]

cupim [naka'ʃa]

[ʃ] e [tʃ] são fonemas: / ʃ/ e / tʃ /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes idênticos.

Exemplo:

(4) pedra [ʃa'ʃu]

veado [tʃa'ʃu]

[β] e [ʃ] são fonemas: / β/ e / ʃ /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplo:

(5) homem [βi'kɨ]

milho [ʃɨ'kɨ]

[p] e [m] são fonemas: / p/ e / m /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(6) rede de dormir [pa'mɨ]

faixa para carregar nenê [pa'pi]

carne [la'mi]

[tʃ] e [ts] são fonemas: /tʃ/ e /ts /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(7) gorgulho [patʃa'li]

enfeite de penas [patsa'nu]

anzol	[tsaˈpi]
avô	[tʃaˈpa]
fogo	[tʃiˈi]
quente	[itsiˈsi]

[s] e [ʃ] são fonemas: /s/ e /ʃ/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(8)	rápido	[ʃaˈhi]
	varrer	[masaˈhi]
	quente	[itsiˈsi]
	dividir	[nataˈʃi]
	curar	[soaˈhi]
	descascar	[ʃokaˈhi]

[s] e [h] são fonemas: /s/ e /h/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(9) asa [patsaˈsi]

apodrecer [paˈtsahi]

borrachudo [ʃiˈhu]

quata [iˈsuma]

[w] e [β] são fonemas: /w/ e /β/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes idênticos e em ambientes análogos.

Exemplos:

(10) sol [waˈtʃi]

ovo [βaˈtʃi]

barro, terra [ˈmaβi]

madeira [ˈhiwi]

tamanduá pequeno ['βiβi]

(adulto) chorar [wi'lihi]

[l] e [ɾ] são fonemas: /l/ e /ɾ/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(11) estrela [ʃã'lali]

verde [ja'ɾa]

barriga [to'ɾo]

escova [ʃaki'lo]

molhado [ja'ɾi]

correr ['lihi]

[l] e [h] são fonemas: /l/ e /h/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes idênticos.

Exemplo:

(12) beber [kula'hi]

fumar [kuha'hi]

[m] e [n] são fonemas: /m/ e /n/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(13) afiar [k ina'hi]

alimentar [pima'hi]

abelha [naβi'la]

barro, terra ['maβi]

casa [ʃuma'tʃa]

limpo [ʃuna'na]

dividir [nata'ʃi]

indicar [mata'hi]

amarelo [ʃi'ni]

carne [la'mi]

3.2.2. Descrição dos fonemas consonantais

Os fonemas consonantais são descritos a seguir[11].

/p/: oclusivo, bilabial, surdo; realiza-se sempre como [p]

(14) sombra /pa'ki/ [pa'ki]

cinza /ma'pu/ [ma'pu]

pai (meu) /ɨ'pa/ [ɨ'pa]

/t/: oclusivo, alveolar, surdo; realiza-se sempre como [t]

(15) carvão /titi'ʃi/ [titi'ʃi]

ar /mɨurɨ'ta/ [mɨurɨ'ta]

luz /is'to/ [is'to]

bochecha /ta'mo/ [ta'mo]

/k/: oclusivo, velar, surdo; realiza-se sempre como [k]

(16) sombra /pa'ki/ [pa'ki]

capivara /ma'ka/ [ma'ka]

buraco /ki'li/ [ki'li]

/m/: nasal, bilabial, sonoro; realiza-se sempre como [m]

(17) capivara /ma'ka/ [ma'ka]

folha /hima'ni/ [hima'ni]

minhoca /mu'li/ [mu'li]

urubu /iʃ'mili/ [iʃ'mili]

barba /kimɨ'si/ [kimɨ'si]

/n/: nasal, alveolar, sonoro; realiza-se sempre como [n]

(18) bicho- preguiça /'nali/ ['nali]

paca /ana'u/ [ana'u]

planta /ʁana'ka/ [ʁanaka]

folha /hima'ni/ [hima'ni]

dividir /nata'ʃi / [nata'ʃi]

---

[11] O acento será marcado mesmo na transcrição fonológica devido ao fato de, em Kaxarari, o acento não se dar de forma previsível; além deste fato, não há evidências ainda para que se

/ɾ/: tepe, alveolar, sonoro; realiza-se sempre como [ɾ]

(19)	aranha caranguejeira	/paɾawa'sa/	[paraua̯'sa]
	ar	/miuɾi'ta/	[miuɾi'ta]
	barriga	/to'ɾo/	[to'ɾo]
	nublado	/sikiɾi'hi/	[sikiɾi'hi]
	molhado	/ja'ɾi/	[ja'ɾi]

/β/: fricativo, bilabial sonoro; realiza-se sempre como [β]

(20)	barro, terra	/ma'βi/	[ma 'βi]
	dia	/βatʃi'hi/	[βatʃi'hi]
	enteado	/βaka'hi/	[βaka'hi]
	banana	/laβu'ka/	[laβu'ka]

/s/: fricativo, alveolar, surdo; realiza-se sempre como [s]

(21)	escolher	/is'hi/	[is'hi]
	ensinar	/josi'hi/	[josi'hi]

estabeleça o padrão acentual da língua. Portanto, em todas as palavras o acento será marcado.

comida	/tsa ' si/	[tsa'si]
barba	/kimɨ ' si/	[kimɨ'si]
formiga	/isi ' sa/	[isi'sa]
formigueiro	/isisa ' na/	[isisa'na]

/ʃ/: fricativo, álveo-palatal, surdo; realiza-se sempre como [ʃ]

(22)	lenha	/tʃipa ' ʃa/	[tʃipa ' ʃa]
	carvão	/titi ' ʃi/	[titi ' ʃi]
	pedra	/ʃa ' ʃu/	[ʃa ' ʃu]
	borboleta	/koʃko ' ʃa/	[koʃko ' ʃa]

/ʂ/: fricativo, retroflexo, surdo; realiza-se sempre como [ʂ]

(23)	sobrancelha	/'βuʂkɨ/	['βuʂkɨ]
	cílio	/βuʂ ' pi/	[βuʂ'pi]

/h/: fricativo, glotal, surdo; realiza-se sempre como [h]

(24)	adoecer	/isalia ' hi/	[isalia ' hi]

borrachudo	/ʃi'hu/	[ʃi'hu]
árvore	/hi'wi/	[hi'wi]

/ts/: africado, alveolar, surdo; realiza-se sempre como [ts]

(25)	comida	/tsa'si/	[tsa'si]
	anzol	/tsa'pi/	[tsa'pi]
	enfeite de penas	/patsa'nu/	[patsa'nu]

/tʃ/: africado, álveo-palatal, surdo; realiza-se sempre como [tʃ].

(26)	cutia	/matʃa'hi/	[matʃa'hi]
	cachorro	/tʃaʂ'pa/	[tʃaʂ'pa]
	acender (fogo)	/tʃitaβa'hi/	[tʃitaβa'hi]

/l/ lateral alveolar; realiza-se sempre como [l]

(27)	minhoca	/'muli/	['muli]
	abelha	/naβi'la/	[naβi'la]
	gorgulho	/patʃa'li/	[patʃa'li]

carne /la ˈmi/ [laˈmi]

secar o poço /lalaˈhi/ [lalaˈhi]

Uma discussão que deve ser aqui feita é a respeito dos segmentos aproximantes *w* e *j*.

Duas abordagens a esse respeito podem ser apresentadas. Por um lado pode-se argumentar que os segmentos *w* e *y* comportam-se de maneira similar aos segmentos consonantais na estrutura da sílaba.

Analisando-se os dados do Kaxarari por esse prisma, ter-se-ia as seguintes formas[12]:

(28) [u̯aˈtʃi] /waˈtʃi/ 'sol'

[u̯aˈka] /waˈka/ 'água'

[ʃiˈʃiu̯a] /ʃiˈʃiwa/ 'quati'

[inaˈu̯a] /inaˈwa/ 'onça'

[au̯aˈtʃa] /awaˈtʃa/ 'anta'

[12] Em que os segmentos u̯ e i̯ são assim representados por não ocuparem posição de núcleo na sílaba.

[u'ja]	/u 'ja/	'inverno'
[ja'ja]	/ja'ja/	'tia'

Assim, os segmentos *w* e *j* são postulados como segmentos consonantais devido à sua posição na estrutura silábica. Tal análise possibilita que as seqüências sejam interpretadas como CV, que representa um dos padrões silábicos da língua. Além disso, a língua não possui seqüência de vogais.

Por outro lado, uma outra análise que poderia ser feita é considerar os segmentos aproximantes como segmentos vocálicos e interpretados como vogais na estrutura silábica. De acordo com esta proposta, uma forma como [ua'ka] teria a representação fonológica como /ua'ka/, formando assim uma estrutura silábica formada por duas vogais contíguas VV. Tal interpretação levaria ao acréscimo de mais um tipo silábico na língua Kaxarari[13].

De acordo com as teorias fonológicas mais recentes sabe-se que a forma [ua'ka] poderia ser assim considerada: /ua'ka/, em que ambos os segmentos /u, a/ fazem parte do núcleo da sílaba.

[13] Os tipos silábicos da língua Kaxarari estão exemplificados em 3.3.1

Entretanto, devido ao caráter descritivo deste trabalho optou-se por não entrar nesta discussão.

Ciente de que além destes argumentos apresentados para estabelecer uma análise definitiva seriam necessárias maiores pesquisas a respeito, decidiu-se neste momento por adotar a primeira opção, em que as aproximantes são consideradas segmentos consonantais e por considerar os segmentos /w/ e /j/ como parte do quadro fonológico da língua que se realizam foneticamente como [u̯, i̯], respectivamente.

A respeito do segmento /ɲ/devem ser feitas algumas considerações. Este segmento foi encontrado no corpus por mim coletado apenas duas vezes – em dois itens distintos. Assim, não se procedeu à análise deste segmento (contrastando-o como fonema /n/, por exemplo, que lhe é foneticamente semelhante), visto que não se poderia chegar a uma conclusão tendo como base apenas dois dados. É interessante notar que em outras línguas Pano como o Shanenawá, tal comparação é feita e nessa língua /ɲ/ e /n/ não operam como fonemas distintos. Outro fato a respeito do segmento /ɲ/ é que em Lanes (2000) o segmento é

encontrado mais vezes no corpus, e o autor o compara com o segmento [y], considerando-os entidades fonológicas distintas. Entretanto, conforme mencionado acima, dada as restrições deste segmento no corpus coletado para este trabalho, optou-se por não contrastá-lo e por deixar esta questão em aberto.

Quadro de Fonemas Consonantais

Os quadros fonético e fonológico da língua aqui apresentados são aparentemente similares. Este resultado pode ser explicado pela natureza dos dados, os quais podem não evidenciar processos fonológicos e alofonias. Não se chegou a uma conclusão concreta a esse respeito, devendo esta questão ser tratada com maior acuidade em estudos futuros.

Quadro dos fonemas consonantais

	bilabial	alveolar	álveo-palatal	retroflexo	palatal	velar	glotal
Oclusiva	p	t				k	
Nasal	m	n			(ɲ?)		
Lateral		l					
Tepe		ɾ					
Fricativa	β	s	ʃ	ʂ			h
Africada		ts	tʃ				
Aproximantes	w				j		

3.2.3. Demonstração de Contraste para Segmentos Vocálicos

Os fones vocálicos da língua dividem-se em dois grupos: vogais orais e vogais nasais. A seguir, tratar-se-á das vogais orais; a questão da nasalização de vogais em Kaxarari será discutida na seção 4.1.

A seguir apresentam-se os pares de fones vocálicos para os quais foi possível estabelecer contraste:

[i] e [a] são fonemas: / i/ e /a /, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes idênticos.

Exemplos:

(29) flor ['hiwa]

madeira ['hiwi]

molhado [ja'ri]

verde [ja'ɾa]

[i] e [u] são fonemas: /i/ e /u/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes idênticos.

Exemplo:

(30) voltar [pu'hi]

comer [pi'hi]

[ɨ] e [i] são fonemas: /ɨ/ e /i/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(31) carvão [ti'tiʃi]

jacaré [kapɨ'tɨ]

brasa [tʃi'pɨki]

anzol [tsa'pi]

comer [pi'hi]

aldeia [ma'hɨ]

rede (de dormir) [pã'mɨ]

carne [la'mi]

lesma [tʃ ɨ'wa]

avó [tʃi'tʃa]

vazio [kiˈʃi]

tucano [ˈʃɨkɨ]

milho [ʃɨˈkɨ]

grande [laˈki]

[i] e [o] são fonemas: /i/ e /o/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes idênticos.

Exemplos:

(32) cair [wiloˈhi]

(adulto) chorar [wiliˈhi]

fechar [popoˈhi]

comer]piˈhi]

[ɨ] e [u] são fonemas: /ɨ/ e /u/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplo:

(33) morrer [kɨtʃɨˈhi]

rir(-se) [kutʃaˈhi]

[o] e [u] são fonemas: /o/ e /u/, pois estão em distribuição contrastante, ocorrendo em ambientes análogos.

Exemplos:

(34) de cócoras	[ho'loka]	
índio	[hu'ni]	
cobra	[tʃu'lu]	
de cócoras	[ho'loka]	

3.2.4. Descrição dos fonemas vocálicos orais

/i/: vogal anterior, alta, oral, fechada, não-arredondada;

(35) sombra	/pa'ki/	[pa'ki]
buraco	/ki'li/	[ki'li]
bicho - preguiça	/'nali/	['nali]
arraia	/i'βaβi/	[i'βaβi]
formiga	/isi'sa/	[isi'sa]

/ɨ/: vogal central, alta oral, fechada, não-arredondada;

(36)	ar	/mɨuɾɨ'ta/	[mɨuɾɨ'ta]
	milho	/ʃɨ'kɨ/	[ʃɨ'kɨ]
	mandioca	/kɨ'na/	[kɨ'na]
	jacaré	/kapɨ'tɨ/	[kapɨ'tɨ]

/u/: vogal posterior, alta, oral, fechada, arredondada;

(37)	casa	/ʃuma'tʃa/	[ʃuma'tʃa]
	enfeite de penas	/patsa'nu/	[patsa'nu]
	minhoca	/'muli/	['muli]

/o/: vogal posterior, média, oral, fechada, arredondada;

(38)	luz	/is'to/	[is'to]
	bochecha	/ta'mo/	[ta'mo]
	borboleta	/koʃko'ʃa/	[koʃko'ʃa]
	mosca	/napaʃo'ʃo/	[napaʃo'ʃo]

/a/: vogal central, baixa, oral, aberta, não-arredondada;

(39) cinza /ma ' pu/ [ma ' pu]

boca /kuʃa ' ka/ [kuʃa ' ka]

cupim /na'kaʃa/ [na'kaʃa]

gorgulho /patʃa ' li/ [patʃa'li]

piranha /'maka/ ['maka]

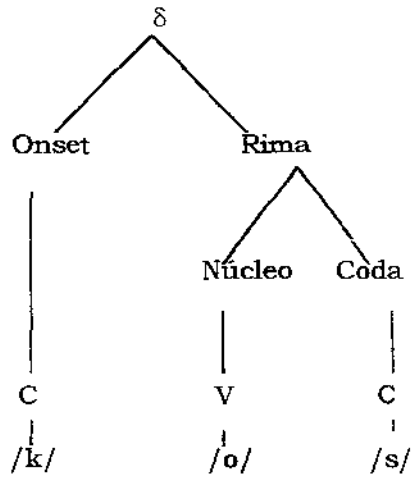
Quadro dos fonemas vocálicos

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média			o
Baixa		a	

3.3. A estrutura silábica do Kaxarari

A sílaba é um constituinte que apresenta estrutura interna e ainda possui hierarquia. Tal hierarquia seria formada por elementos opcionais e obrigatórios. Um elemento opcional é o Onset; a Rima silábica é o elemento obrigatório e subdivide-se

em Núcleo – este também obrigatório – e Coda – que é, por sua vez, opcional.



3.3.1. Tipos silábicos do Kaxarari

As línguas possuem regras de silabificação, ou seja, há uma hierarquia na atribuição de segmentos aos constituintes silábicos. O primeiro passo é atribuir uma vogal ao núcleo; o segundo elemento a ser formado é o Onset, ao qual se atribui uma consoante pré-vocálica. Algumas línguas ainda adicionam uma consoante à posição de Coda.

Os padrões silábicos encontrados na língua Kaxarari são V, CV, VC e CVC. Todos os padrões ocorrem tanto em posição átona quanto em posição tônica.

Exemplos:

(40) V

a) /isi'sa/ 'formiga'

b) /'uʃi/ 'lua'

c) /u'hila/ 'vento'

d) /tʃi'i/ 'fogo'

(41) CV

a) /kala'ka/ ' trovão'

b) /pa'ki/ ' sombra, espírito'

c) /tʃi'piki/ 'brasa'

d) /ma'pu/ 'cinza'

e) /'maka/ 'capivara'

f) /'nali/ 'bicho preguiça'

(42) VC

a) /is'to/ 'luz, lâmpada'

b) /iʃmi 'li/ 'urubu'

(43) CVC

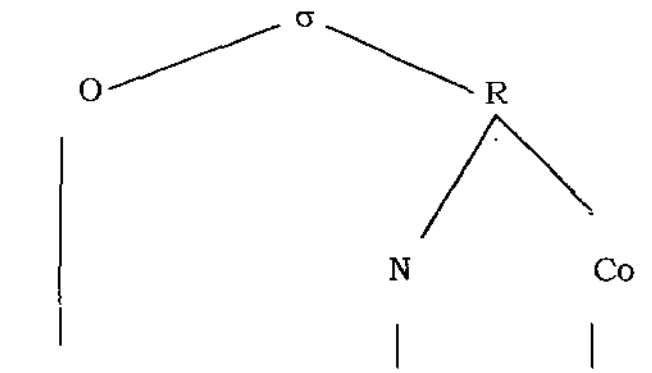
a) / tʃaˌˈpa / 'cachorro'

b) /koʃkoˈʃa/ 'borboleta'

c) /ˈβuʃkɨ/ 'sobrancelha'

d) /haskaˈhi/ 'afogar-se'

Assim, pode-se dizer que na língua Kaxarari a sílaba pode ser composta obrigatoriamente por Núcleo (V), e por segmentos opcionais que ocorrem no Onset e na Coda. Assim, a distribuição dos segmentos na sílaba ocorreria como a estrutura a seguir:



/p/	/a /	/s/
/t/	/i/	/ʃ/
/k/	/ɨ/	/l/
/ts/	/u/	/ʂ/
/tʃ/	/o/	
/β/		
/s/		
/ʃ/		
/h/		
/r/		
/m/		
/n/		
/w/		
/j/		

Seguem exemplos da ocorrência dos segmentos nas posições de Onset, Coda e Núcleo:

3.3.1.1. Posição de Onset

(44) /p/

/pa'ki/	'sombra, espírito'
/kapɨ'tɨ/	'jacaré'
/pa'pi/	'faixa para carregar nenê'

(45) /t/

/tai'ʃu/	'depois'
/koki'ta/	'cesto'
/tihi'ki/	'sentado'
/li'ta/	'ano'

(46) /k/

/koki'ta/	'cesto'
/la'ki/	'grande'
/sikiri'hi/	'nublado'
/i'kani/	'frio'

/kiki'hi/ 'gritar'

(47) /ts/

/tsa'si/ 'duro'

/tsaka'hi/ 'enfiar'

/ʃohupa'tsi/ 'bebê'

/itsi'si/ 'quente'

(48) /tʃ/

/tʃi'tʃa/ 'avó'

/iβi'tʃi/ 'pele'

/βatʃi'hi/ 'dia'

/tʃu'lu/ 'cobra'

(49) /s/

/isi'sa/ 'formiga'

/'satʃa/ 'claro'

/kimi'si/ 'barba'

/tsa'si/ 'comida'

(50) /ʃ/

/ʃa'ʃu/ 'pedra'

/ti'tiʃi/ 'carvão'

/tʃa'ʃu/ 'veado'

/'ʃiki/ 'tucano'

/na'kaʃa/ 'cupim'

(51) /h/

/honi'tʃa/ 'selvagem'

/ka'hu/ 'veado roxo'

/ha'βutʃu/ 'olho dele'

/ha'na/ 'língua'

/βaka'hi/ 'enteado'

/ʃa'hi/ 'rápido'

(52) /l/

/ki'li/	'buraco'
/kala'ka/	'trovão'
/lɨ'tɨ/	'ano'
/'pala/	'largo'
/la'ki/	'grande'

(53) /ɾ/

/ta'ɾa/	'ferida'
/ja'ɾa/	'verde'

(54) /m/

/ma'ka/	'capivara'
/iʃmi' li/	'urubu'
/la'mi/	'carne'
/pima'hi/	'alimentar'
/ʃu'maβi/	'mulher velha'

(55) /n/

/ʃuna'na/	'limpo'
/'nali/	'bicho-preguiça'
/hunu'maʃi/	'areia'
/ku'ani/	'nuvem'

3.3.1.2. Posição de Coda

As consoantes /s, ʃ, ʂ, l/ ocorrem em posição de Coda; de acordo com os dados verificados até o momento, esses segmentos aparecem somente em Coda interna, ou seja, em posição não-final de palavra; a posição de Coda externo – em final absoluto de palavras – não seria preenchido em Kaxarari.

(56) /ʃ/

/iʃmi'li/	'urubu'
/βoʃka'ta/	'cabeça'

(57) /s/

/is'hi/	'escolher'

/is'to/ 'luz'

/haska'hi/ 'afogar-se'

(58) /l/

/jal'ta/ 'hoje'

/ha-l-pi'hi/ 'ele come'

3.3.1.3. Posição de Núcleo

A posição de núcleo é ocupada pelos segmentos vocálicos:

(59) /a/

/ha'na/ 'língua'

/li'ta/ 'ano'

/tʃa'pa/ 'avô'

/ka'laka/ 'trovão'

/tʃipa'ʃa/ 'lenha'

(60) /u/

/ku'ku/ 'tio'

/patsa'nu/ 'braçadeira'

/tʃa'ʃu/ 'veado'

/ka'hu/ 'veado roxo'

/'itʃu/ 'gavião'

(61) /i/

/iʃmi'li/ 'urubu'

(62) /ɨ/

/kapɨ'tɨ/ 'jacaré'

/ɨ'pa/ 'pai'

/ʃɨ'kɨ/ 'milho'

/kɨ'na/ 'mandioca'

3.3.2. As seqüências VV

Em Kaxarari, são encontradas seqüências dissilábicas que tanto podem ser formadas por vogais semelhantes como por

vogais diferentes, como se vê a seguir:

(63)

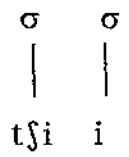
a) /tʃi'i/ [tʃi'i] 'fogo'

b) /ʃu'i/ [ʃu'i] 'animal'

c) /ʃilu'a/ [ʃilu'a] 'macaco'

d) /ana'u/ [ana'u] 'paca'

Como se vê nesses dados não haveria problemas de interpretação das seqüências vocálicas, pois o acento de intensidade permite que eles possam ser interpretados como fazendo parte de núcleos heterossilábicos, ou seja:



3.4. Acento

Nesta parte deste trabalho são apresentadas algumas considerações sobre o acento em Kaxarari a partir dos dados disponíveis. Os diversos trabalhos em línguas Pano mostram que

o acento pode ser previsível ou não. Para tratar a questão do acento em Kaxarari postula-se que haja dois grupos de palavras, conforme os exemplos abaixo:

(64) palavras que portam o acento na última sílaba:

a) /pu ' nu/ ' veia'

b) /kala ' ka/ ' trovão'

c) /tamapa ' ʃa/ ' castanha do pará'

d) /ɨˈpa/ ' pai (meu)'

e) /ikaˈni/ ' frio'

f) /ʃiˈni/ ' amarelo'

g) /ʃunaˈna/ ' limpo'

h) /hainiˈto/ ' antigo'

i) /tʃuˈʃo/ ' sujo'

j) /paˈki/ ' sombra'

(65) palavras que portam o acento na penúltima sílaba:

a) /ˈmaβi/ 'barro, terra'

b) /ˈkili/ 'buraco'

c) /ti'tiʃi/ 'carvão'

d) /'uʃi/ 'lua'

e) /ka'laka/ 'trovão'

f) /u'hila/ 'vento'

g) /tʃi'piki/ 'brasa'

h) /i'naβa/ 'animal de estimação'

O acento em Kaxarari, não pode ser, portanto, considerado previsível, sendo mais adequado postular que há dois grupos distintos de palavras quanto ao acento, sendo que em um grupo as palavras portam o acento na última sílaba, e em um segundo conjunto, as palavras portam o respectivo acento na penúltima sílaba. Assim, a questão do acento em Kaxarari fica em aberto para maiores estudos.

Uma outra questão que pode ser levantada é que não foi encontrada no corpus nenhuma ocorrência de acento na antepenúltima sílaba, assim parece não haver construções do tipo # ' CV. CV. CV # .

IV

Processos Fonológicos

4.1. Nasalização de Vogais

O processo de nasalização é um aspecto que vem sendo tratado com muito interesse nas línguas Pano, por este ser um operador nas gramáticas de várias línguas desta família (exemplo deste fato é o Matis) exercendo a função de marcador de ergatividade, conforme o exemplo a seguir[14]:

(66)

/tumi - N uaka ak - e - k /

[tumĩn waka akek]

Tumi –erg. água beber –N. Pass. -?

"Tumin bebe água"

Em Matis, a nasalização da última vogal do núcleo nominal que aparece em sujeitos de orações transitivas indica a condição

[14] Exemplo extraído de Ferreira, 2001

de ergatividade. Desta forma a nasalização, nesta língua, funciona como operador gramatical.

Como dito anteriormente, nesta seção serão feitas algumas discussões a respeito das vogais nasais da língua Kaxarari.

A interpretação do fenômeno da nasalização varia de uma teoria para outra. Uma possível análise para as vogais nasais é estabelecer um quadro de vogais nasais que se opõem a vogais orais; ou seja, demonstrar-se-ia que a língua é composta de vogais orais e vogais intrinsecamente nasais.

Entretanto, ao assumir que a língua apresenta vogais orais e vogais intrinsecamente nasais, no entanto, estabeler-se-ia um quadro muito amplo de fonemas para a língua, em detrimento de um sistema que privilegiasse a economia. Portanto, tal proposta para análise das nasais em Kaxarari foi abandonada em prol de um sistema mais econômico.

Outra análise possível para as vogais nasais é que estas podem ser interpretadas como alofones de seus correspondentes orais. Tais vogais orais se nasalizariam como resultado de um processo pelo qual receberiam o traço nasal de uma consoante nasal não especificada para ponto. Tal argumentação sobre o

aspecto da nasalização é de domínio das teorias fonológicas não lineares.

Uma terceira análise que pode se feita sobre a questão de vogais nasais é propor que a nasalidade seja um fonema suprasegmental na língua. Tal análise nos parece plausível para o presente trabalho.

No conjunto de dados a seguir são exemplificadas ocorrências de vogais nasalizadas, sendo apresentada as formas fonéticas e fonológicas, respectivamente:

(67)

[ʃãla'li]	/ʃãla'li/	'estrela'
[tʃũpa'lo]	/tʃũpa'lo/	'barata'
[ʃã'pɨ̃]	/ʃã'pɨ̃/	'mulher'
[na'sã]	/na'sã/	'tartaruga'
[i'ã]	/i'ã/	'lagarto'

Em suma, para os objetivos deste trabalho, assumir-se-ia um suprasegmento nasal na fonologia da língua. Contudo, uma

análise mais acurada deste fato fica em aberto.

4.2. Lateralização

A ergatividade é, conforme brevemente mencionado anteriormente, em outras línguas Pano marcada pela nasalidade. A língua Kaxarari, entretanto, parece não seguir o mesmo padrão de outras línguas da família Pano no tocante à ergatividade. Para marcar a ergatividade, em Kaxarari parece atuar um processo de lateralização. Lanes (2000:162) já apontava brevemente para este fato em seu trabalho: *"...manifestação de...um segmento lateral após a última vogal do item lexical com função sujeito das transitivas..".*

De acordo com os dados do corpus coletado para este trabalho, haveria em Kaxarari dois conjuntos de dados, conforme os exemplos abaixo:

(68a)

i -	1ª. p.s.
molo'hi	'dançar'
i- molo'hi	'eu danço'

(68b)

ɨ -	1ª. p.s.
uʃa'hi	'dormir'
ɨ - uʃa'hi	'eu durmo'
mi -	2ª. p.s.
mi - uʃa'hi	'você dorme'
hato-	3ª.p.p.
hato - uʃa'hi	'eles dormem'
mato –	2ª.p.p.
mato - uʃa'hi	'vocês dormem'

(69a)

ɨ-	1ª. p.s.
ʃina'hi	'pensar'
i-l-ʃina'hi	'eu penso'

(69b)

witso ' hi	'achar'
ɨ-	1ª. p.s.

i-l- witso ' hi	'eu acho'
mi-l - witso ' hi	'você acha'

(69c)

pi'hi	'comer'
i-	1ª. p.s.
i - l - pi'hi	'eu como'
mi -	2ª. p.s.
mi – l - pi'hi	'você come'
ha-	3ª.p.s.
ha – l - pi'hi	'ele come'
ha - l - pi'to	'ele comeu'

De acordo com os dados, há uma diferença na flexão verbal entre os dois conjuntos de dados acima. No primeiro conjunto, o marcador de pessoa precede o verbo; no segundo grupo de

dados, há a inserção da lateral /l/.

Os dados do corpus deste trabalho constituem-se apenas das flexões verbais e não de sentenças completas. Assim, não se pode, na maioria dos casos, explicitar a relação entre A e O. Ainda assim, considera-se o aspecto da lateralização como marcador de ergatividade relevante e, para efeito de comparação, foram utilizadas sentenças da língua Kaxarari pertencentes ao corpus de Lanes (2000). Exemplos do processo de lateralização ocorrendo em sentenças verificam-se nos dados abaixo:

(70a) /inawa – ka usato/

'onça ? dormir'

'a onça dormiu'

(70b) /inawa - l - ka hulkuni kapito/

'onça ERG ? porco comer'

'a onça comeu o porco'[15]

Em (70a), o sujeito da oração intransitiva - /ina'wa/ 'onça'

– não sofre processo algum. No exemplo (70b), o mesmo sujeito sofre um processo pelo qual uma consoante lateral é acrescida à sílaba.

Assim, a língua Kaxarari não compartilha da ergatividade marcada pela nasalização como em outras línguas da família Pano.

4.3. Enfraquecimento de segmentos

O enfraquecimento de segmentos é um processo bastante comum nas línguas. Em Kaxarari, observa-se a ocorrência deste processo em ambiente final de palavras. Tal processo afeta a sílaba final quando seu Onset é preenchido pelo segmento aspirado /h/. Desta forma, uma seqüência CV pode ser assim realizada:

[vogal] →[- voz]/ h_____ #

Exemplos:

[15] Os dados (70a) e (70b) são extraídos de Lanes (2000)

(71)

[pu'tsahi̯]	voar
[mi'ʃujahi̯]	matar (animal)
[mo'lohi̯]	dançar

O processo de enfraquecimento da sílaba final é facultativo, ou seja, não se dá de maneira obrigatória, podendo ocorrer ou não.

V

Aspectos da Morfologia do Nome e do Verbo

O estudo da morfologia da língua Kaxarari não é o objetivo deste trabalho; entretanto, ainda assim fazem-se nesta parte alguns apontamentos preliminares sobre a morfologia da língua a partir do que pôde ser percebido nos dados coletados. Uma análise morfológica mais aprofundada da língua poderá ser realizada em estudos posteriores.

5.1. Construções possessivas

As construções possessivas são marcadas por morfemas de pessoa que antecedem o nome. Segue abaixo um quadro com os respectivos pronomes:

Singular	1ª	i-
	2ª	mi-
	3ª	ha-
Plural	1ª	lõ-
	2ª	matõ-
	3ª	hatõ-

Exemplos:

(72)

olho	/βu'tʃu/
meu olho	/ i - βu'tʃu/
	1 poss olho
avô	/tʃa'pa/
teu avô	/mi - tʃa'pa/
	2 poss avô
papagaio	/βa'wa/
meu papagaio	/i - βa'wa/
	1 poss papagaio
teu papagaio	/mi - βa'wa/
	2 poss papagaio
papagaio dele (a)	/ha - βa'wa/
	3 poss papagaio

nariz	/ tʃu'kani /
meu nariz	/i - tʃu'kani /
	1 poss nariz
teu nariz	/mi - tʃu'kani /
	2 poss nariz
nariz dele	/ha - tʃu'kani /
	3 poss nariz
nosso nariz	/lõ - tʃu'kani /
	1 poss pl nariz
nariz de vocês	/matõ - tʃu'kani /
	2 poss pl nariz
nariz deles	/hatõ - tʃu'kani /
	3 poss pl nariz

Desta forma ter-se-ia, na língua Kaxarari, a formação do possessivo na seguinte ordem: [Marca de pessoa + Nome]

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

5.2. Numerais

As línguas indígenas apresentam sistemas numéricos diferentes. Encontram-se sistemas numéricos de base um, dois, três, cinco, dez ou vinte. Os sistemas de base 1, 2 e 20 são considerados comuns entre as línguas indígenas (Green, 1997). De acordo com Green (op. cit.), os sistemas "de base 1 ou 2 apresentam terminologia numérica limitada, raramente passando do numeral 6." Os números maiores nesse tipo de sistema são formados a partir de algum tipo de intensificação da palavra, ou por meio de adição.

Ainda de acordo com a autora, o sistema numérico de base dois se manifesta lingüisticamente de três formas distintas: 1) pelo sentido literal dos termos numéricos; 2) pela reduplicação dos numerais, ou 3) pelo uso de apenas duas palavras em várias combinações, uma palavra par e outra ímpar. [16]

[16] Exemplos de línguas que utilizam o primeiro tipo de manifestação são o Xerente e Xavante (Jê); dentre as que utilizam a reduplicação podem ser citadas o Wayampi e o Suruí (Tupi – Guarani). Algumas línguas que utilizam combinações de duas palavras para formar os demais números são o Arara, Bakairi (Karib) e o Maxacalí (Macro-Jê).

A língua Kaxarari considera em seu sistema lingüístico os números de um a quatro. De acordo com informações dos informantes, a partir do número quatro a contagem se dá usando-se os dedos das mãos e, antigamente, os dedos dos pés. Hoje é muito freqüente o uso dos números em Português permeando uma conversa na língua Kaxarari.

O léxico Kaxarari apresenta palavras apenas para dois números: 'um' e 'dois'. Os demais números da língua – 'três' e 'quatro' – são formados a partir da combinação de termos; não há em Kaxarari palavras que expressem os numerais além destes. A tabela a seguir mostra os números na língua:

(73)

'um'	/'wispi/	1
'dois'	/tʃaβu'ta/	2
'três'	/tʃaβuta 'wispi/	2 e 1
'quatro'	/tʃaβuta tʃaβu'ta/	2 e 2

É interessante notar o fato da construção do número em Kaxarari, em que há, literalmente, 'um', 'dois'; 'dois (e) um', 'dois (e) dois'. Green menciona ainda o fato de que sistemas de base dois formam os termos para os numerais ímpares começando pelo numeral par. Os exemplos de números na língua Kaxarari seguem abaixo:

(74)

cachorro	/tʃaʂ'pa/
dois cachorros	/tʃaβuta tʃaʂ'pa/
	dois cachorro
sapo	/'kali/
três sapos	/ tʃaβuta wispi 'kali/
	três sapo
coruja	/ 'pupu /
uma coruja	/wispi 'pupu/
	um coruja
duas corujas	/tʃaβu'ta pupu/
	dois coruja

três corujas /tʃaβu'ta wispi pupu /

três coruja

A partir do número 4 a contagem é feita usando o quantificador "muitos", como no exemplo seguinte: muita tartaruga [nasa'naki].

VI
Fonologia Comparada

O objetivo deste capítulo é estabelecer uma breve comparação entre algumas línguas da família Pano faladas no Brasil e situar o Kaxarari dentro deste quadro – o das línguas Pano. Tal comparação pretende mostrar algumas diferenças entre tais línguas, isso porque o Kaxarari apresenta, em dados aspectos, características distintas das demais línguas Pano. Assim, pretende-se fazer uma breve comparação do Kaxarari com as línguas Matis, Shanenawá e Katukina a fim de que explicitem-se as diferenças entre tais línguas em aspectos como a) segmentos fonológicos; b) processos fonológicos; e c) acento.

Ao estabelecer tais comparações entre algumas das línguas da referida família espera-se situar o Kaxarari em relação às demais línguas. A escolha das línguas a serem aqui tratadas levou em conta pesquisas recentes (Matis, Shanenawá) e pesquisas anteriores (Katukina), todas realizadas na UNICAMP.

Deve ser esclarecido que não há intenção de esgotar este tema tampouco o de realizar um estudo comparativo profundo.

6.1. Segmentos fonológicos

Conforme já mencionado anteriormente, consta do sistema fonológico do Kaxarari o segmento lateral /l/.

A título de comparação entre alguns sistemas de línguas Pano, poder-se-ia levantar alguns exemplos do que ocorre em algumas línguas da família nas posições em que, em Kaxarari, ocorre uma lateral:

	Kaxarari	**Yawanawa**	**Katukina**	**Kaxinawá**	**Shanenawá**
'carne'	[la ˈ mi]	[na ˈ miʔ]	[na ˈ mi]	[na ˈ mi]	[na ˈ mi]
'nome'	[fiaˈlɨ̰][17]	[aˈniʔ]	[ᵇaˈnɨ̰ː]		[aˈnɨ̰]
'macaco'	[ʃilua]			[ʃiˈnu]	[ʃiˈpi]

A hipótese que pode ser levantada a respeito deste

[17] Dado extraído de Lanes (2000)

segmento não compartilhado pelas demais línguas da família está relacionada à localização e contatos interétnicos do povo Kaxarari. Conforme Erickson afirma, os Kaxarari vivem "separados da maior parte dos outros Pano por um corredor de população Arawak" (Erickson, 1992).

Tal proximidade com povos falantes de línguas de outras famílias pode ter causado uma situação de empréstimo lingüístico.

Há poucas evidências disponíveis para que tal hipótese possa ser ratificada; há, portanto, a necessidade de maiores pesquisas e estudos futuros. Ainda assim, a hipótese de empréstimo é por mim considerada bastante interessante.

Tal discussão é relevante por levantar questões e buscar explicações para processos que levaram a língua Kaxarari a apresentar um fonema que não é encontrado nas demais línguas Pano. Além de este segmento estar presente no quadro fonológico, ele desempenha ainda função morfossintática, conforme tratado em (4.3). Em Kaxarari, a lateral /l/ é responsável pela marcação de ergatividade, função esta desempenhada pela nasalização nas demais línguas.

6.2. Ergatividade

A comparação dos sistemas fonológicos entre as línguas Pano leva a uma questão morfossintática: a ergatividade em tais línguas. As diversas pesquisas com diferentes línguas da família Pano mostram que a ergatividade é marcada pela nasalização.

Entretanto, como já mostrado em 4, a ergatividade em Kaxarari é marcada através de um processo de lateralização, e não de nasalização. Tal fato aponta para uma distinção não apenas no nível intrínseco à palavra, mas de interface fonologia – sintaxe. De acordo com os dados abaixo verifica-se como se dá a ergatividade em línguas como o Matis, Katukina e, por outro lado, em Kaxarari:

(75) **Matis:**

/tumi - N uaka ak - e - k /

[tumĩn waka akek]

Tumi –erg. água beber –N. Pass. -?

"Tumin bebe água"

(76) **Kaxarari:**

/inawa – ka usato/

'onça ? dormir'

'a onça dormiu'

/inawa - l ka hulkuni kapito/

'onça ERG ? porco comer'

'a onça comeu o porco'[18]

(77) **Katukina**

kamanin mari pi-ai

'cachorro cutia comer-pres'

'o cachorro come cutia'

papan kaman pia ma-ai

'pai cachorro comer não-pres'

'o pai não come cachorro'

Assim, verifica-se que a língua Kaxarari tem em seu quadro fonológico um segmento não compartilhado pelas demais línguas Pano: a lateral /l/. Tal segmento não apenas está

[18] Os dados (75), (76) e (77) são extraídos de Ferreira (2001), Lanes (2000) e Aguiar (1994), respectivamente.

presente no sistema fonológico, mas opera também no nível morfossintático; o segmento lateral /l/ é o marcador de ergatividade no Kaxarari.

6.3. Acento

Os estudos realizados em outras línguas da família Pano como o Katukina (Aguiar, 1988; 1994), Shanenawá (Cândido, 1998), Matis (Ferreira, 2000) apontam para o fato de que essas línguas apresentam acento previsível. De acordo com Cândido (1998) "Na língua Shanenawá as palavras simples podem ser constituídas por uma ou mais sílabas", como é ilustrado abaixo:

(78)

[ɨ ˈpaʔ]	'pai'	[V.CVC]
[maˈkɨʔ]	'piranha'	[CV.CVC]
[quɾuˈpaʔ]	'azul'	[CV.CV.CVC]
[juʂaˈtiʔ]	'faca'	[CV.CV.CVC]

"Os dados acima evidenciam que nessa língua, (...) o acento recai sempre sobre a última sílaba das palavras simples. Trata-se, então, de uma manifestação predizível e que, portanto, não possui função distintiva, ou seja, não é fonêmica. Diante disso, o acento não precisa ser representado no nível fonológico".

Em Matis, de acordo com Ferreira (2000), o acento é previsível. Em palavras simples o acento ocorre na última sílaba como em:

(79)

[i'mi]	'sangue'
[wa'ka]	'água'
[munu're]	'lança'
[miʃ'te]	'fogo'

Pode-se, portanto, demonstrar que o acento nas línguas Pano em comparação neste capítulo pode comportar-se de formas diferentes.

CONCLUSÃO

Este trabalho apresenta uma descrição da fonologia da língua Kaxarari.

A língua Kaxarari apresenta um quadro com 16 fonemas consonantais e 5 fonemas vocálicos. Um aspecto da língua Kaxarari é a presença, no quadro dos segmentos consonantais, de uma consoante lateral, aspecto distinto das demais línguas Pano. No que tange à nasalização, assume-se que o Kaxarari tem em seu sistema a nasalização como suprassegmento fonêmico.

Quanto ao acento, a língua apresenta dois grupos de palavras: um primeiro em que as palavras portam acento na última sílaba, e um outro grupo em que o acento não é previsível. Assim, o acento na língua não é previsível.

Quanto aos processos fonológicos da língua, são apresentados aspectos como a lateralização e o enfraquecimento de segmentos.

Mesmo não sendo o objetivo principal desta dissertação apresentam-se algumas considerações preliminares sobre a morfologia do nome e do verbo Kaxarari. Este trabalho conclui-se

com aspectos comparativos com algumas das demais línguas Pano faladas no Brasil.

Espera-se que este trabalho possa vir a contribuir com os estudos das línguas Pano de modo geral, e que possa ter aberto questões para que se continuem as pesquisas com a língua Kaxarari.

Bibliografia

AGUIAR, Maria Sueli de (1988) *Elementos de Descrição Sintática para uma Gramática do Katukina.* Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/UNICAMP.

_____ (1994a) *Análise descritiva e teórica do Katukina - Pano.* Tese de doutorado. Campinas: IEL/UNICAMP.

_____ (1994b) *Fontes de estudo e pesquisa da família Pano.* Campinas: Editora da UNICAMP.

BERTOLASO STELLA, Jorge (1929) *As línguas indígenas da América.* Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol XXVI. Ed Graphica Irmãos Ferraz. São Paulo. P.25-28; 75-76.

CÂNDIDO, Gláucia Vieira. (1995) *Análise Preliminar da Língua Shanenáwa – Pano.* Monografia de Final de Curso. Goiânia, Faculdade de Letras, UFG.

_____ (1998) *Aspectos fonológicos da língua Shanenawá (Pano).* Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL / UNICAMP.

CARVALHO, Carmen. T. D. (1992) *A Decodificação da Estrutura Frasal em Matsés (Pano).* Dissertação de Mestrado. Faculdade

de Letras, UFRJ.

COSTA, Raquel G. R. (1992) *Padrões Rítmicos e Marcação de Caso em Marubo (Pano).* Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, UFRJ.

_____ (2000) *Aspectos da Fonologia Marubo (Pano):Uma visão Não-Linear.* Tese de Doutorado em Lingüística. Faculdade de Letras, UFRJ.

CUNHA, Carla Maria. (1993) *A Morfossintaxe da Língua Arara (Pano) do Acre.* Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

d'ANS, André-Marcel (1973) *Reclasificación de las Lenguas Pano y Datos Glotocronológicos para la Etnohistoria de la Amazonía Peruana.* Revista del Museo Nacional, Tomo 39, Lima: Museu Nacional de Historia. p. 349 - 69.

ERICKSON, Philippe (1992) Uma singular pluralidade: a etno-história pano. In: Cunha, Manuela Carneiro (org.) *História dos índios no Brasil.* São Paulo: FAPESP/Companhia das Letras. p.239 – 252.

FERREIRA, Vitória Spanghero (2000) *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica.* Dissertação de Mestrado em Lingüística.

Campinas: IEL-UNICAMP.

FERREIRA, Rogério Vicente (2001) *Língua Matis: Aspectos Descritivos da Morfossintaxe.* Dissertação de Mestrado em Lingüística. Campinas: IEL-UNICAMP.

FUNAI. Relatório de verificação de danos causados pela retirada de granito pela empresa Mendes Jr. S/A na Aldeia Indígena Kaxarari. [S. n. t.]

Green, Diana. (1997) *Diferenças entre termos numéricos em algumas línguas indígenas do Brasil.* Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Vol 13(2):179-207

_____ (1994) *O sistema numérico da língua Palikúr.* Boletim do Museu Emílio Goeldi. Vol 10:261-303

GREENBERG, Joseph(1956) *The General Classification of Central and South American Languages. Men and Cultures:* Selected Papers of the 5th International Congress of Anthropologial and Ethnological Sciences. Philadelphia.

_____ (1987) *Language in the Americas.* Stanford: Stanford University Press.

GRIMES, J. E. & GRIMES, B. F. (1996) *Ethnologue.* Summer Institute of Linguistics.

LANES, Elder José (2000) *Mudança Fonológica em línguas da família Pano* Dissertação de Mestrado em Lingüística. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LOOS, Eugene (1999) Pano. In: Dixon, R. M. & Aikhenvald, Alexandra Y. *The Amazonian Languages.* Cambridge: Cambridge University Press, p.227 – 250.

MASON, John Alden. (1950) The languages of South American Indians In: STEWARD, Julian (ed.) *Handbook of South American Indians.* Bureau of American Ethnology, Buelletin 6(143). p. 262-271

MÉTRAUX, Alfred. Tribes of the Juruá-Purus basins. In: Steward, Julián. *Handbook of South American Indians.* New York: Cooper Square, 1963.v.3, p.656-686.

PIKE, Kenneth Lee (1947) *Phonemics: a Technique for Reducing Languages to writing.* The University of Michigan Press, Ann Arbor.

PICKERING, Wilbur (1973) Vocabulário Kaxarari. *Série Lingüística* n. 1.p. 63-66 Brasília: Summer Institute of Linguistics.

RIBEIRO, Darcy. Indigenous Cultures and Languages of Brazil

In: *Indians of Brazil In the twentieth century*. p.139 [S. n. t.]

RIBEIRO, Darcy. & WISE, Mary Ruth. (1978) Los Grupos Êtnicos de la Amazonía Peruana. Comunidades y Culturas Peruanas. n 13. Lima: Instituto Linguístico de Verano.

RODRIGUES, Aryon (1986) *Línguas Brasileiras* - Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.

_____ (1993) Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Delta*. Vol 9(1): 83-103. São Paulo, Ed. PUC.

SAMARIN, William (1967) *Field Linguistics. A guide to linguistics field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

SHELL, Olive A.(1975) *Estudios Panos III: Las Lenguas Pano y su Reconstrucción*. Lima: ILV SLP. n. 12.

SILVA, Mário Lúcio da (1986) *Levantamento estatístico da população Kaxarari*. Porto Velho: CIMI.

SILVA, Thaïs Cristófaro (1998) *Fonética e Fonologia do Português*. São Paulo: Contexto.

SOUSA, Gladys Cavalcante (1999) *Descrição fonológica preliminar da língua Kaxarari*. Monografia de Final de Curso. Goiânia, Faculdade de Letras, UFG.

SOUZA, Isaac Costa de (1986) *Kaxarari (Família Pano)*. 12pp.

(Manuscrito).

TOVAR, Antonio & TOVAR, Consuelo Larrucela de (1984) *Catálogo de las lenguas de América del Sur.* Nueva edición refundida. Madrid: Editorial Gredos.

VAUX, Bert & COOPER, Justin (1999) *Introduction to linguistic field methods.* Muenchen: LINCOM EUROPA

VOEGELIN, M. F. y C. F (1977) "Pano" y "Macro- Panoan" phylum. In: *Classification and index of the world's languages.* Foundations of Linguistics Series. New York: Elsevier. p.282-284.

WISE, Mary Ruth.(1986) *Bibliografia 1944 – 1986 del Instituto Linguistico de Verano en el Perú.* MEP/Instituto Lingüistico de Verano.

ANEXO[19]

1.	pedra	ʃa'ʃu
2.	areia	hunu'maʃi
3.	pó	'mapu
4.	barro, terra	'maβi
5.	buraco	'kili
6.	carvão	ti'tiʃi
7.	montanha	mã'kuʃaj
8.	morro	mãku'laki
9.	sol	wa'tʃi
10.	lua	'uʃi
11.	estrela	ʃã'lali
12.	céu	nai'tʃi
13.	nuvem	ku'ani
14.	chuva	'wahi
15.	trovão	ka'laka
16.	vento	u'hila
17.	ar	miuɾi'ta
18.	luz	'isto
19.	sombra	pa'ki

[19] Os dados aqui listados estão organizados por campo semântico, da mesma forma em que os

20.	verão	βa'tʃia
21.	inverno	u'ja
22.	fogo	tʃi'i
23.	lenha	tʃipa'ʃa
24.	fumaça	ku'ani
25.	brasa	tʃi'piki
26.	cinza	ma'pu
27.	rio grande	waka'laki
28.	rio pequeno	wakapi'ʃa
29.	água	'waka
30.	animal	ʃu'i
31.	animal de estimação	i'naβa
32.	morcego	kaʃi'wa
33.	macaco	ʃilu'a
34.	tamanduá pequeno	'βiβi
35.	rato	ʃuj'ã
36.	bicho- preguiça	'nali
37.	capivara	'maka
38.	paca	ana'u
39.	cutia	matʃahi
40.	cachorro	tʃaʂ'pa

questionários foram elicitados aos informantes.

41.	dois cachorros	tʃaβuta tʃaʂ'pa
42.	três cachorros	tʃaβutauipi tʃaʂ'pa
43.	cachorro grande	tʃaʂ'pa laki
44.	cachorro pequeno	tʃaʂ'pa 'pisti
45.	quati	ʃĩ'ʃiwa
46.	onça	ina'wa
47.	onça grande	inawatʃu'a
48.	onça pequena	inawapis'te
49.	anta	awa'tʃa
50.	veado	tʃa'ʃu
51.	veado roxo	ka'hu
52.	urubu	iʃ'mili
53.	urubu – rei	iʃmiliβaku'ʃo
54.	gavião	'itʃu
55.	arara	ʃawa'lā
56.	papagaio	'βawa
57.	meu papagaio	i'βawa
58.	teu papagaio	mi'βawa
59.	papagaio dela	ha'βawa
60.	coruja	'pupu
61.	tucano	'ʃiki

62.	ninho	ʃuipista'na
63.	ninho de cobra	tʃulua'na
64.	ovo	βa'tʃi
65.	tartaruga	na'sā
66.	muita tartaruga	nasa'naki
67.	pouca tartaruga	nasana'kima
68.	jacaré	kapɨ'tɨ
69.	ovo de jacaré	kapɨtɨβa'tʃi
70.	lagarto	i'ā
71.	meu lagarto	ɨ'ā
72.	cobra	tʃu'lu
73.	sucuri	tʃuluʃa'lu
74.	sapo	'kali
75.	rā	ka'tʃa
76.	peixe	'maili
77.	piranha	'maka
78.	arraia	i'βaβi
79.	ferrão de arraia	iβaβitʃi'muʃa
80.	gafanhoto	uru'ku
81.	barata	tʃu'pālo
82.	cupim	na'kaʃa
83.	piolho	i'a

84.	meu piolho	'ɨja	
85.	teu piolho	'mɨja	
86.	piolho dela	'hɨja	
87.	lêndea	ja'βatʃi	
88.	borboleta	koʃko'ʃa	
89.	gorgulho	patʃa'li	
90.	mosca	napaʃo'ʃo	
91.	borrachudo	ʃi'hu	
92.	formiga	isi'sa	
93.	formigueiro	isisa'na	
94.	abelha	naβi'la	
95.	colméia	naβi'lik	
96.	mel geral	βu'na	
97.	mel uruçu	pitʃoβu'na	
98.	aranha caranguejeira		parawa'sa
99.	teia	ha'pamã	
100.	minhoca	'muli	
101.	lesma	tʃ i'wa	
102.	árvore	hi'wi	
103.	planta	βa'naka	
104.	capim	wa'sai	
105.	mata	'lawã	

106.	folha	hi'mani
107.	galho	ha'pawa
108.	galho da árvore	hiwi'pawa
109.	flor	'hiwa
110.	frutao	ipi'mi
111.	madeira	'hiwi
112.	cabeça	βoʃka'ta
113.	cabelo	waʃka'tʃani
114.	meu cabelo	ɨwaʃka'tʃani
115.	olho	'βutʃu
116.	meus olhos	ɨ'βutʃu
117.	teu olho	mi'βutʃu
118.	olho dele	ha'βutʃu
119.	sobrancelha	'βuʃkɨ
120.	cílio	βuʃ'pi
121.	nariz	tʃu'kani
122.	meu nariz	ɨtʃu'kani
123.	teu nariz	mitʃu'kani
124.	nariz dele	hatʃu'kani
125.	nosso nariz	lōtʃu'kani
126.	nariz de vocês	matōtʃu'kani
127.	nariz deles	hatōtʃu'kani

128.	bochecha	ta'mo
129.	minha bochecha	ita'mo
130.	boca	kiʃa'ka
131.	dente	ʃi'ta
132.	meus dentes	iʃ i'ta
133.	língua	ha'na
134.	minha língua	iha'na
135.	queixo	kini'ma
136.	meu queixo	ikini'ma
137.	teu queixo	mikini'ma
138.	queixo dela	hakini'ma
139.	nosso queixo	lōkini'ma
140.	queixo de vocês	matōkini'ma
141.	queixo deles	hatōkini'ma
142.	barba	kimi'si
143.	bigode	kimisi'joto
144.	nuca	ta'i
145.	garganta	tuka'ʃa
146.	coração	hu'ja
147.	meu coração	ihu'ia
148.	barriga	to'ro
149.	estômago	takaβo'tʃo

150.	cotovelo	paʃo'ʃo
151.	mão	maka'li
152.	perna	wita'ʃa
153.	pé	ta'i
154.	dedo do pé	taimi'tsili
155.	veia	pu'nu
156.	pele	iβi'tʃi
157.	bebê	ʃohupa'tsi
158.	homem	βi'ki
159.	mulher	'ʃãpi
160.	comida	tsa'si
161.	sal	tʃi'ra
162.	carne	la'mi
163.	castanha do pará	tamapa'ʃa
164.	milho	ʃi'kɨ
165.	mandioca	kɨ'na
166.	banana	laβu'ka
167.	veneno de pescar	'waka
168.	casa	ʃuma'tʃa
169.	aldeia	ma'hɨ
170.	cidade	kariwama'hi
171.	rede (de dormir)	pa'mɨ

172.	copos de barro	kɨlopi'ʃa	
173.	prato	kɨ'lo	
174.	enxada	mawitʃi'ta	
175.	flecha	pi'a	
176.	anzol	tsa'pi	
177.	cesto	pa'nero	
178.	faixa para carregar nenẽ		pa'pi
179.	agulha	malɨmu'ʃa	
180.	enfeite de penas	patsa'nu	
181.	pintura corporal	kɨʃu'ma	
182.	escova	ʃaki'lo	
183.	ponte	tā'lali	
184.	caminho	ɨpa'i	
185.	dono	hai'ki	
186.	amigo	hiha'wa	
187.	índio	hu'ni	
188.	pai (meu)	ɨ'pa	
189.	meu pai	ɨ'pa	
190.	teu pai	mɨ'pa	
191.	pai delea	haɨ'pa	
192.	mãe	ɨ'wa	
193.	sogra	ja'ja	

194.	sogro	ku'ku
195.	avô	tʃa'pa
196.	meu avô	itʃa'pa
197.	teu avô	mitʃa'pa
198.	avô delea	hatʃa'pa
199.	avó	tʃi'tʃa
200.	minha avó	itʃi'tʃa
201.	tua avó	mitʃi'tʃa
202.	avô dele/a	hatʃi'tʃa
203.	esposa	ita'ho
204.	minha esposa	iita'ho
205.	esposa dele	miita'ho
206.	filho	ʃo'hu
207.	filha	ainiʃo'hu
208.	enteado	βaka'hi
209.	meu enteado	iβaka'hi
210.	homem velho	tʃa'paβa
211.	mulher velha	ʃu'maβi
212.	guerreiro	hui'pani
213.	língua	hu'i
214.	dia	βa'tʃihi
215.	noite	jamu'ta

216.	mês	ˈɨʃi
217.	ano	liˈta
218.	ontem	muˈɲa
219.	depois	taiˈʃu
220.	hoje	jalˈta
221.	nublado	sikiriˈhi
222.	molhado	jaˈri
223.	seco	puˈo
224.	quente	itsiˈsi
225.	frio	iˈkani
226.	gordo	ʃuˈaki
227.	claro	ˈsatʃa
228.	vermelho	puˈʃɨ
229.	amarelo	ʃiˈni
230.	verde	iaˈɾa
231.	duro	tsaˈsi
232.	rápido	ʃaˈhi
233.	antigo	hainiˈto
234.	sujo	ˈtʃuʃo
235.	limpo	ʃunaˈna
236.	vazio	kiˈʃi
237.	alto(pessoa)	hatʃaˈki

238.	largo	'pala
239.	estreito	hapa'lamã
240.	grande	la'ki
241.	pequeno	lakima'a
242.	selvagem	honi'tʃa
243.	triste	ʃinãtsama'ma
244.	alegre	ʃinãtsa'ma
245.	de cócoras	ho'loka
246.	deitado	tsisu'ki
247.	sentado	tihi'ki
248.	longe	u'tʃa
249.	faminto	tsasika'tsa
250.	salgado	sa'ra
251.	abaixar	haitʃaimai'hi
252.	eu abaixo	ihaitʃaimai'hi
253.	você abaixa	mihaitʃaimai'hi
254.	ele abaixa	hakahaitʃaimai'hi
255.	nós abaixamos	lohaitʃaimai'hi
256.	vocês abaixam	matohaitʃaimai'hi
257.	eles abaixam	hatohaitʃaimai'hi
258.	acordar	witso'hi
259.	afiar	k ina'hi

260.	alimentar	pima'hi
261.	deitar	tsiso'hi
262.	dividir	nata'ʃi
263.	tirar macaxeira	ka'naβahi
264.	adoecer	isalia'hi
265.	afogar-se	haska'hi
266.	amanhecer	maika'hi
267.	amadurecer	'hāhi
268.	andar	'kāhi
269.	eu vou andar	i' kāhi
270.	você vai andar	mi' kāhi
271.	ele vai andar	haka' kāhi
272.	nós vamos andar	lo'kāhi
273.	vocês vão andar	mato' kāhi
274.	eles vão andar	hato' kāhi
275.	apodrecer	pa'tsahi
276.	chegar perto	o'tʃamihi
277.	atravessar (rio)	wakati'hi
278.	cair da árvore	hipu'ʃu
279.	cair	wilo'hi
280.	cansar-se	tsasimai'hi
281.	casar-se	hananāhi

282.	chorar	wiʃa'hi
283.	(adulto) chorar	wi'lihi
284.	chegar	hakipo'hi
285.	dar comida para criança	ʃohutsasawa'hi
286.	coçar	wiʃana'hi
287.	eu coço	ɨ wiʃana'hi
288.	eu estou coçando	ɨ wiʃana'hi
289.	correr	'lihi
290.	eu corro	ɨ'lihi
291.	você corre	mi'lihi
292.	ele corre	haka'lihi
293.	eu corri	ɨ'lito
294.	você correu	mi'lito
295.	ele correu	haka'lito
296.	eu vou correr	ɨ'lihi
297.	você vai correr	mi'likahi
298.	ele vai correr	haka'likahi
299.	crescer	honitʃa'hi
300.	dormir	uʃa'hi
301.	eu durmo	ɨuʃa'hi
302.	você dorme	miuʃa'hi
303.	eles dormem	hatouʃa'hi

304.	vocês dormem	matouʃa'hi	
305.	entrar	hatʃāhi	
306.	estar com raiva	no'tsihi	
307.	estar cansado	tsatsimai'to	
308.	estar com fome	tsasika'tsa	
309.	ficar em pé	nitʃi'hi	
310.	levantar	βujtso'hi	
311.	levantar algo	iwitso'hi	
312.	molhar	kãlahi	
313.	trazer	βu'ihi	
314.	adoecer, ficar doente		isalia'hi
315.	eu fiquei doente		iisali'ato
316.	você ficou doente		misali'ato
317.	nós ficamos doentes		loisali'ato
318.	vocês ficaram doentes		matoisali'ato
319.	eles ficaram doentes		hatoisaliato
320.	fechar	popo'hi	
321.	fugir	wanali'hi	
322.	eu fujo	iwanali'hi	
323.	gritar	kiki'hi	
324.	ir	'kāhi	
325.	eu vou	i'kāhi	

326.	morrer	kitʃi'hi
327.	pular	haia'hi
328.	rir(-se)	kutʃa'hi
329.	secar o poço	lala'hi
330.	indicar	mata'hi
331.	matar	mataʃa'hi
332.	pensar (em)	ʃina'hi
333.	comer	pi'hi
334.	eu como	ilpi'hi
335.	você come	milpi'hi
336.	ele come	halpi'hi
337.	ele comeu	halpi'to
338.	ele vai comer	halpi'hi
339.	pescar	pātaʃi'hi
340.	abraçar	talana'hi
341.	acender (fogo)	tʃitaβa'hi
342.	achar	witso'hi
343.	eu acho	ilwitso'hi
344.	você acha	milwitso'hi
345.	eu achei	ilwitso'to
346.	você achou	milwitso'to
347.	beber	kula'hi

348.	carregar (n)as costas	papi'hi
349.	colher	tsokuha'hi
350.	cozinhar	ima'hi
351.	curar	soa'hi
352.	descascar	ʃoka'hi
353.	dançar	molo'hi
354.	eu danço	imolo'hi
355.	você dança	mimolo'hi
356.	ele dança	hamolo'hi
357.	empurrar	kuita'hi
358.	ensinar	josi'hi
359.	enterrar	maɲa'hi
360.	escolher	is'hi
361.	esconder	hona'hi
362.	escutar	ka'hi
363.	flechar	pia'lihi
364.	fumar	kuha'hi
365.	furar	tʃulawa'hi
366.	lavar (roupa)	palohiʃua'lo
367.	lavar	palo'hi
368.	lembrar	ʃina'hi
369.	mandar	tʃã'hi

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

370.	mastigar	noa'hi
371.	ouvir	ka'hi
372.	pedir	joka'hi
373.	pisar (em)	ha'mahi
374.	pôr nome	halajawa'hi
375.	torcer	pilohi'hi
376.	trançar	maju'si
377.	varrer	masa'hi
378.	enfiar	tsaka'hi